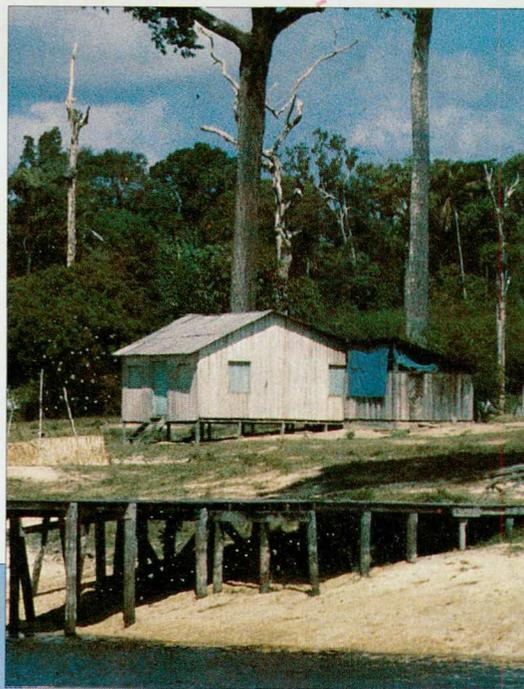


A habitação não pode ser tratada como mercadoria acessória e como simples produto lucrativo. Compete ao Estado intervir e criar condições e instrumentos para que cada cidadão possa ter sua casa.

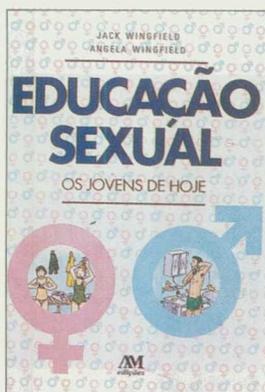
(C.F. 93)



“creio que o problema não está no processo da inculturação, mas na consequência da inculturação, no resultado”

Aiban Wagua

CONHEÇA OS LANÇAMENTOS DA AM edições



Educação sexual — Os jovens de hoje

Texto: Jack Wingfield
Angela Wingfield

> Afinal, o que é sexo?
> Como nascem os bebês?

> Por que meu corpo está mudando? Este livro, destinado aos jovens, responde a essas perguntas, de forma instrutiva e objetivamente. E vai des-

cobrir também muitas coisas sobre os desafios que está encarando, agora que seu corpo e sua mente se desenvolvem mais rapidamente.

Apresenta-se totalmente ilustrado. 44 páginas.

CÓDIGO 0009 - CR\$ 1.000,00

Série "Verdade"

Texto: E. Cunha

O autor dos vários livros desta série procura demonstrar, em cada tema abordado, o que há de falso nas alegorias propaladas pelas Testemunhas de Jeová, seita que insiste numa insidiosa campanha contra os sagrados preceitos da Bíblia católica.

- A cruz e as cruzes **CÓD. 0364**
- A Santíssima Trindade **CÓD. 0365**
- A senhora contestada **CÓD. 0366**
- Bíblia, sangue e medicina **CÓD. 0367**
- Imagens e santos **CÓD. 0368**
- Inferno **CÓD. 0369**

CR\$ 365,00 (cada)

O Libertador

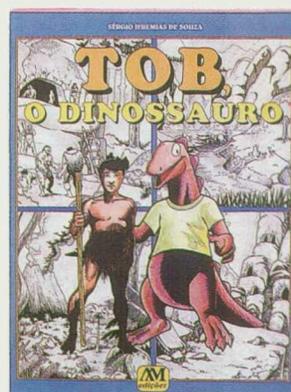
Texto: Pierre Thivollier

Tradução: Suely Mendes Brazão

Ilustrações: Noël Gloesener

Chega agora ao Brasil **O Libertador**, obra para todos os tipos de público, de todas as idades, totalmente ilustrada, que fala da vida de Jesus e de seus ensinamentos. A grande novidade deste livro é a forma romanceada com que é contada a vida do Mestre. O Libertador, o nome épico de todos os tempos! 416 páginas

CÓDIGO 0000 — CR\$ 000,00



Tob, o dinossauro

Texto: Sérgio Jeremias de Souza

Ilustrações: Michelson Borges

O pequeno Tob e toda a sua (enorme...) família de dinossauros vivem felizes num

belo vale até que... apareceram os humanos, que possuíam o segredo do fogo. Tob, como um verdadeiro herói, parte para uma incrível aventura que você vai conhecer lendo este livro e suas inúmeras atividades. 24 páginas.

CÓDIGO 0381 — CR\$ 510,00

Coleção "Espírito Santo"

Texto: Geraldo Vale

Uma coleção de cinco livros simples, escritos em linguagem popular e acessível, cujo maior valor é levar o leitor a um reencontro com seu carisma, constatando que a ação do Espírito Santo pode manifestar-se em todas as atividades do homem, instrumento de Deus.

- Semente e espinhos - **CÓD. 0000**
- Jesus é o Salvador - **CÓD. 0000**
- Jesus é o Senhor - **CÓD. 0000**
- Jesus, o Bom Pastor - **CÓD. 0000**
- Jesus, o Médico - **CÓD. 0000**

CR\$ 540,00 (cada)



Série "Pensando em você, meu amor..."

Texto: Luca Moza

- ... Com carinho **CÓD. 0341**
- ... Com paixão **CÓD. 0342**
- ... Com saudades **CÓD. 0343**
- ... Com ternura **CÓD. 0344**

Os livretos, contendo mensagens e sugestões e desenhos, podem acompanhar presentes, em datas especiais, como Dia dos Namorados, aniversário de casamento, noivado, etc.

16 páginas — **CR\$ 280,00 (cada um)**

O envelope gigante

As "cartas" são seis belíssimas histórias, ilustradas a cores, especialmente escritas para crianças, a partir dos três anos de idade.

12 páginas (Formato: 50x35 cm)

CÓD. 0005 — CR\$ 925,00



DESEJO RECEBER POR REEMBOLSO POSTAL OS LIVROS:

CÓD.	Quant.	CÓD.								

Nome: _____
 End.: _____
 _____ N° _____
 Cidade: _____ Est.: _____
 CEP _____ Assin.: _____

Editora Ave-Maria Ltda
 Rua Martim Francisco, 656 — 1º andar CEP 01226-000 São Paulo, SP

4. A IGREJA NO MUNDO

Notícias

6. A PALAVRA DO PAPA

"Veritatis Splendor"

Apresentação da nova Encíclica

7. O dia dos mortos

Frei Betto

8. CONSCIÊNCIA NEGRA

O negro, nascido sem berço e morto em vida

Carlos Maria Ariz

9. O novo catecismo: entre a ortodoxia e a interpretação

J.B.Libânio

11. Juventude e fé

P. Elias Leite

O culto aos heróis desapareceu. O homem moderno se idolatra.

12. ENTREVISTA

Índios, sua cultura, sua religião

Com Aiban Wagua, sacerdote católico, antropólogo e índio kuna do Panamá.

16. A utopia cristã

Antônio Mesquita Galvão

...Por mais paradoxal que pareça, os frutos da modernidade são o desajuste, a incapacidade para a vida afetiva, (...) a infelicidade.

19. DIREITOS HUMANOS

Polícia, democracia e direitos humanos

Hélio Bicudo

20. Como perceber a política positivamente

Francisco Gomes de Matos

22. MEU LAR, MINHA ALEGRIA

Morte e luto, experiência pessoal

Myriam Vallias de O. Lima

25. ALCOOLISMO

A mensagem fatal na garrafa (parte final)

Donald Lazo

27. A PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA EUCARÍSTICA

De 29/11 a 19/12/93

33. RELENDO A BÍBLIA

Proverbios

Norma Termignoni

34. DIVERTIMENTOS

Porvir

Todos queremos um amanhã melhor. Mesmo sabendo que o morrer é inevitável queremos amanhecer dispostos a viver com mais intensidade.

No início do mês de novembro nossa memória é cortejada pela saudade. O dia de finados chega e com ele muitas lembranças de momentos felizes. Os queridos falecidos são lembrados nas orações e nas lindas flores depositadas nos túmulos.

Seria uma loucura imaginar que Deus, depois de nos dar a vida, deixasse literalmente enterradas todas as nossas maiores aspirações de felicidade e vida em abundância.

O bem querer, o amor deixado pelos falecidos permanecem vivos, aumentando em nós a vontade e o desejo também de amar e de bem querer. Assim como nossos pais, cônjuges ou filhos, Cristo deixa sua mensagem viva, rica em amor e bondade, inesquecível.

E a fé cristã vai nos assegurando que os nossos queridos estão descansando felizes nos braços do Pai e que nós, um dia, vamos nos encontrar. Cristo, como primícia, depois todos nós.

Neste número a revista AM inicia dando espaço ao anúncio da publicação da encíclica "Veritatis Splendor" (p. 6): a dignidade e a grandeza de todos nós apoia-se na criação da pessoa humana à imagem do Pai, o Senhor da vida.

A realidade da morte não enterrará jamais a confiança naquele que a venceu, Cristo, o filho de Deus que projetou-se na esfera do Amor pleno. "O dia dos mortos" (p. 7) de Frei Betto e "Morte e luto, experiência pessoal" (p. 22) de Myriam Vallias mostram a serenidade encontrada na esperança e na fé cristã.

A história tem muitos capítulos de regimes de morte. Em "O negro, nascido sem berço e morto em vida" (p. 8) de Dom Carlos M. Ariz, mostra um povo que soube interiorizar-se no mundo de seus antepassados e aprendeu lições de vida com os mortos.

É recente o lançamento do novo catecismo da Igreja Católica. Um interessante e indispensável comentário é feito por J. B. Libânio em "O novo catecismo: entre a ortodoxia e a interpretação" (p. 9).

Cultura e religião também alimentam a vida. Na entrevista com Aiban Wagua, "Índios, sua cultura, sua religião" (p. 12), vemos como o povo kuna conservou a vitalidade e a espiritualidade dos seus antepassados.

O artigo "A utopia cristã" (p.16) de Antônio M. Galvão faz um apanhado interessante sobre as procuras humanas do melhor e do mais importante. Coloca fé em Cristo, o Messias que faz uma *ponte* entre o divino e o humano, para humanizar o divino e divinizar o humano. Assim a vida e a luta para que ela esteja sempre presente encontra na ressurreição de Cristo a certeza do nosso porvir.

"Eu vim para que todos tenham vida, diz Jesus, e vida em abundância" (Jo 10, 10); "Lá onde eu estiver quero que estejais também" (Jo 14, 3).

Trabalho escravo

Foi constatado trabalho escravo de índios no Mato Grosso do Sul (MS), nas destilarias de álcool de Debrasa e Cachoeira, que ficam nos municípios de Brasilândia e Novo Alvorada do Sul, respectivamente. O dono destas empresas é nada menos que José Pessoa Queiróz Bisneto, primo de Tereza Collor, esposa de Pedro Collor!...

Kaingang e Xetá das aldeias de Apucarantina (Londrina) e São Jerônimo da Serra, no norte do Paraná, estão trabalhando praticamente em troca de comida, como denunciou numa ampla reportagem a Folha de Londrina, na edição de 2 de maio passado.

A Folha de S. Paulo (16/09/93) ali esteve e confirmou a precária situação de trabalho em que vivem

estes indígenas. Além de ganharem uma miséria, tudo é descontado: a comida, o banho que tomam (no rio) e até o uso do campo de futebol!

Não apenas os indígenas do Paraná são recrutados. Há também Terena e Kaiowá do MS, e até paraguaios. O mais grave é que adolescentes de 14 a 16 anos também se encontram nesta situação. Os últimos Xetás (ainda restam oito dos 200 que viviam no oeste do Paraná em 1950) estão sendo levados para este trabalho escravo, confirmando mais um tipo de genocídio. No final de abril, quando a reportagem da Folha de Londrina ali esteve, constatou que havia 555 indígenas e se previa que este número seria de 800, no final de maio.

Segundo o advogado da Funai, Antonio Marquezi, "o contrato é ilegal", mas "diante das circunstâncias atuais, de crise, (a Funai) tem feito vistas grossas. É um mal necessário"... (F.

Londrina, pag 16). Enfim, neste país, a lei continua sendo..." para inglês ver"! (Boletim CIMI SUL)



Mulher marginalizada

A Assembléia da mulher marginalizada realizada de 2 a 5 de setembro, em Santa Luzia do Tide, MA, foi oficialmente instalada no Regional Nordeste 5. Foi eleita a equipe de coordenação que articulará e animará a Pastoral nas dioceses e no Regional, visando a promoção e dignidade da mulher: Irmã Zeldite Burin, do Setor de Pastoral Social da CNBB, assessorou a Assembléia.

(Notícias CNBB)

Pastoral de ruas

Após encontro de reflexão sobre a Campanha da Fraternidade/93, a

Paróquia Nossa Senhora de Fátima em Niterói, RJ, iniciou um trabalho de formação de Grupos de Rua. Consiste em organizar Comunidades Eclesiais nas ruas da Paróquia e inúmeros grupos já se formaram e se reúnem semanalmente em círculos bíblicos, para reflexão e oração, assumindo uma ação concreta para melhorar as condições de vida no bairro e na comunidade. Seguindo o método Ver, Julgar, Agir, Rever, Celebrar, foram realizados dois cursos para os líderes. Consta do programa a celebração mensal da Missa na Rua. É uma experiência nova, mas que já vem produzindo resultados pastorais na comunidade.

(Notícias CNBB)

Solidariedade

Diante das acusações movidas pelo Delegado de Polícia de Itabuna, BA, por D. Paulo Lopes de Faria ter denunciado e exigido providências quanto ao extermínio de menores na cidade, a Comissão Pastoral da Terra da Diocese divulgou carta em que, além de sugerir o envio de telegramas de protesto à Secretaria de Segurança Pública da Bahia, afirma: "Todos temos acompanhado pela imprensa local o des-

AM AVE MARIA é uma publicação da Editora Ave Maria Ltda. (CGC 60.494.200/0001-70) Propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos. Fundada em 28 de maio de 1898. Registrado no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005 - 1934. Publicada na cidade de São Paulo, Brasil.

Diretor responsável: Cláudio Gregianin (MTPS) nº 14 696

Administração: Hely Vaz Diniz

Preparação, revisão e diagramação: Avelino S. de Godoy (MTPS nº 14 962)

Fotolito e impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave-Maria Ltda. Rua Martim Francisco, 656 - (Vila Buarque - CEP 01226 - 000) - São Paulo.

Redação, publicidade, administração e correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 3º e 4º andares. Tel. (011) 66-2128 e 66-2129. Cx P. 6226 (CEP 01064 - 970) - São Paulo (SP).

A assinatura da AM pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque (pagável em São Paulo, vale postal ou valor declarado em nome da Administração da revista Ave Maria — A maioria das cidades é visitada por nossos representantes, que renovam as anuidades a domicílio; nas demais as renovações de assinaturas são feitas por banco ou correio.

Preços: Renovação de assinatura: CR\$ 1.200,00

Assinatura nova: CR\$ 1.200,00, Números avulso: CR\$ 120,00

calabro da violência policial contra a população pobre, sobretudo jovens e crianças. O Bispo Diocesano D. Paulo por causa de suas constantes denúncias contra essas violações dos direitos humanos vem sofrendo ameaças de morte na tentativa de querer calar sua voz". A carta foi divulgada dia 13 de setembro.

(Notícias CNBB)



Saúde da criança

Criado em 1989, o Grupo Nacional de Defesa da Saúde da criança tem nova coordenadora. É a médica sanitária Dra. Zilda Arns Neumann, coordenadora nacional da Pastoral da Criança, eleita no dia 26 de março. A atuação do grupo, em favor da infância brasileira, estende-se a todas as ações básicas de saúde e também ao campo específico dos direitos das crianças e adolescentes, trabalhando em conjunto com instituições públicas e sociedades médicas. O início do trabalho deste

grupo se deu com a campanha do soro caseiro para combater a desidratação e doenças diarréicas, e teve continuidade com a preocupação em buscar o bem-estar físico e social das crianças carentes em todo o país.

(Jornal Pastoral da Criança)

Receita contra vermes

Líderes, mães e jovens de Miracema do Tocantins estão fazendo comprimidos contra vermes. A receita é a seguinte: um punhado de mastroz, outro de hortelã, semente de mamão e uma cabeça de alho. Bater tudo no liquidificador ou pisar. Tirar o sumo bem forte e acrescentar farinha de trigo torrada, até o ponto de fazer o comprimido.

A primeira dose deve ser tomada durante três dias, em jejum; a segunda, depois de quinze dias. As experiências comprovaram que esta receita ajuda crianças e adultos.

(Jornal Pastoral da Criança)

Palestina

As Senhoras Cristãs da Palestina prepararam um "Roteiro" para o "Dia

Mundial de Oração das Senhoras" de 1994.

Indica-se o ano de 1887 como o ano em que teve começo essa iniciativa que se repete anualmente e que agora já está implantada em 170 países. Trata-se de um movimento ecumênico feminino. O dia indicado é a primeira sexta-feira do mês de março. O ponto central do "Dia Mundial de Oração das Senhoras" gira em torno de um "roteiro" que é preparado pelas Senhoras Cristãs dos países participantes. O roteiro para 1994 foi preparado com bastante antecedência devido ao temor de ferir sentimentos cujas raízes encontram-se na criação do território de Israel e que ocasionou pesado desconforto para os Palestinos. O teor do mencionado "Roteiro" deve ser entendido no sentido da dupla solidariedade: para com os judeus que têm o direito a um território seu; e para com os palestinos que têm o direito de não serem pri-

vados de um lugar para sua própria pátria. Problema delicado. As "Senhoras Cristãs Palestina" procuram expor tudo diante de Deus em termos da Paixão e da Ressurreição de Jesus no espírito das Igrejas Orientais.

O roteiro para 1995 deverá ser esquematizado pelas Senhoras de Gana (África).

(NAM)

Ajuda do Papa

Através do Pontifício Conselho Cor Unum, o papa enviou à Cáritas Brasileira a quantia de 30 mil dólares, para ajudar a população do Nordeste nas regiões mais atingidas pela seca. A doação do papa será logo aplicada nos programas que a Cáritas vem desenvolvendo no Nordeste.

(Notícias CNBB)

AVISO AOS ASSINANTES

Avisamos aos senhores assinantes que ao serem visitados por **cobradores de assinaturas** não conhecidos pedissem a credencial. Todos os nossos representantes, têm credenciamento fornecido pela Revista Ave Maria e seus nomes estão relacionados neste aviso.

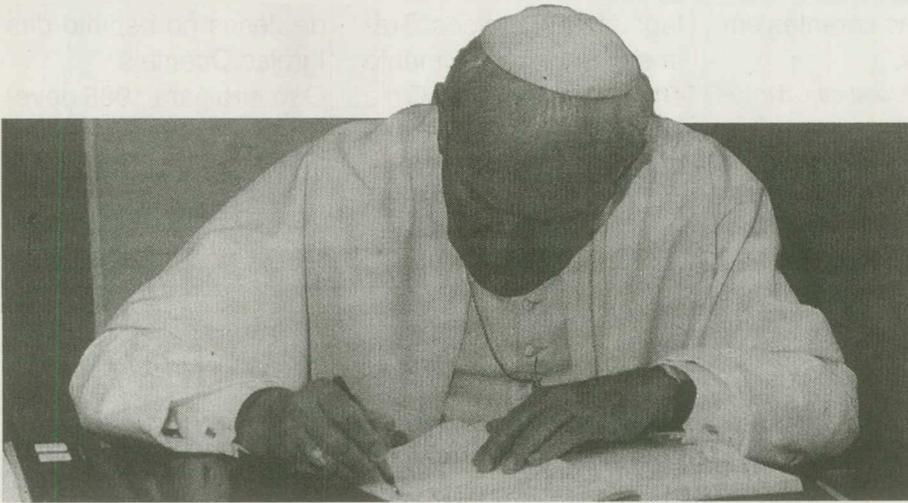
A SEGUIR ANUNCIAMOS A LISTA DOS NOSSOS COBRADORES AUTORIZADOS:

Alexandre Greggianin (RS); Vania Salete Marca (PR); Arnaldo Oliveira Reis (SP); João Ferreira Menezes (SP); Edevaldo Aparecido Marques (SP); José Batista Vaz (SP); Sérgio Pierozan (SP); Benedito Carlos Câmara (SP); Jesus Macedo (SP); Anselmo Pereira Almeida (MG); Benedito Vaz Neto (MG); Edson Nunes de Moraes (MG); José Lázaro Diniz (MG); Gilmar Diniz Silva (MG); José Maria Martins Dias (região nordeste do Brasil); Mauro Donizeti Câmara (SP); Antonio Aparecido Ondei e nosso Irmão claretiano Nelson Gustavo Kerntopf (ES, GO e Brasília); Ricardo Martins (SP).

EXIJA A DOCUMENTAÇÃO DO SEU COBRADOR.

“Veritatis splendor”

O anúncio da publicação da Encíclica, 5 de outubro



Caríssimos Irmãos e Irmãs!

Apresento oficialmente a nova Encíclica “Veritatis splendor”, que trata de “algumas questões fundamentais do ensinamento moral da Igreja”.

Este documento, tão esperado e longamente elaborado, é publicado só agora, porque pareceu conveniente fazê-lo preceder do Catecismo da Igreja Católica, que contém uma exposição completa e sistemática da moral cristã. O atual documento aprofunda os seus pressupostos e os fundamentos, efetuando um discernimento sobre alguns problemas controversos da recente Teologia moral. Em particular, ele reafirma a dignidade e a grandeza da pessoa humana, criada à imagem de Deus, e repropõe o genuíno conceito da liberdade humana, mostrando a sua essencial e constitutiva relação com a verdade, segundo a palavra de Cristo: “A verdade libertar-vos-á” (Jo. 8, 32).

O anúncio da iminente publicação da Encíclica suscitou na opinião pública um compreensível interes-

se. Faço votos por que, lido na sua integridade, o texto se torne objeto de consideração serena, e possa assim contribuir para uma melhor compreensão da mensagem exigente e libertadora do Evangelho.

A Igreja, com efeito, quando fala, assim age porque se sente “devedora”, por um lado, ao homem, com frequência desorientado entre tantas vozes discordes e, por outro, à verdade, da qual é ela mesma destinatária, antes de lhe ser anunciadora. Posta ao serviço da Palavra de Deus, de modo algum lhe seria lícito silenciá-la ou manipulá-la, para favorecer modas passageiras. Uma Igreja que cedesse a esta lógica, já não seria a “esposa fiel” de Cristo!

A Igreja fala às consciências e faz apelo à liberdade responsável dos crentes. Espero que este necessário serviço eclesial seja acolhido pelos fiéis do mundo inteiro, com pronta e cordial adesão, em atitude de comunhão com o Magistério eclesial e de confiança na assistência do Espírito Santo, que guia o

povo cristão para uma inteligência cada vez mais profunda da verdade, salvaguardando-o riscos de confusão e de desorientação.

Confio esta Encíclica à Virgem Santa, que neste mês de Outubro queremos honrar de modo particular, com a reza do Santo Rosário. A Maria confio além disso, mais uma vez, a causa da paz, sempre tão comprometida em tantas regiões do mundo, e em especial na martirizada Bósnia-Herzegovina.

Como se sabe, termina hoje em Sarajevo um encontro de reflexão e de oração que, na esteira da experiência vivida em janeiro passado, em Assis, viu reunidos os representantes das quatro Comunidades religiosas daquela cidade: a muçulmana, a católica, a ortodoxa e judaica. Ele realizou-se no centro daquela região onde, infelizmente, continua a correr o sangue de muitas vítimas inocentes, por causa do áspero conflito, que registra crimes inomináveis em prejuízo de toda a norma ética e de todas as convenções humanitárias.

Convido a Igreja inteira a unir-se espiritualmente a essa assembléia, para uma imploração coral ao Deus da paz. Oremos também para que se chegue finalmente a uma composição justa e honrosa entre as partes em conflito, e se restabeleça na região inteira um clima de concórdia civil e operosa.

Maria, Rainha da paz, roga por nós!

João Paulo II

O dia dos mortos

Frei Betto

O calendário litúrgico é uma didática divisão do ano em datas comemorativas, no sentido etimológico de rememorar. Assinala festas que abarcam a vida de Jesus (Natal, Epifania, Morte e Ressurreição, a Páscoa), celebra as festas de Maria, consagra cada dia a um ou mais santos e, inclusive, reserva o dia 2 de novembro aos mortos. Os mortos e a morte sempre nos incomodam. De certo modo, nós os vivos somos ainda conduzidos pelos mortos. As pessoas que mais admiramos e respeitamos são, em geral, falecidas: Jesus, Buda ou Maomé, Francisco de Assis, Lutero ou Marx; Freud, Che Guevara ou Luther King. Bem fez Alfred Nobel, o inventor da dinamite, ao prescrever que os premiados com sua fortuna fossem sempre pessoas vivas. É uma forma de reconhecer os méritos daqueles que ainda se encontram entre nós.

A morte exerce profundo fascínio. Lembro que, repórter em São Paulo, em 1967, fui escalado para cobrir o Dia dos Mortos num local insólito, até mesmo por sua existência: o cemitério dos cachorros, no Ibirapuera. Fiquei chocado com a arte das sepulturas, as fotos e estátuas de cães, as inscrições saudosas de seus donos, as flores sobre os túmulos. O hábito de enterrar resulta da vontade de preservar. Hemingway enterrava solenemente seus gatos e cães em volta de sua casa, em Cuba.

Talvez os animais provoquem mais apego por nos interpelarem menos.

Todos os zeladores dos mortos suscitam grande interesse. Chico Xavier e tantos médiuns merecem respeito por abrirem o canal entre vivos e mortos. De certo modo, esse



**Os mortos e a morte
sempre
nos incomodam.**

desejo perpassa todas as culturas. Nada porém supera as religiões nessa ânsia de resgate dos mortos. O hinduísmo e o budismo pregam a reencarnação e o cristianismo, a ressurreição. Marx disse que nada era mais absurdo que a morte como

ápice da vida — o que influiu no suicídio de uma de suas filhas, que preferiu não enfrentar a decadência da velhice. E Camus frisava que a morte era, de fato, o único problema verdadeiramente filosófico.

Sabemos, pela fé, que a vida transcende a si mesma, projetando-se na definitiva esfera do Amor, onde a supressão do tempo inaugura a eternidade. Mas, agora, apegados a esta existência, tememos morrer e vamos perdendo a familiaridade com a morte. Outrora, os agonizantes morriam em casa e mereciam velório, missa de corpo presente e procissão fúnebre. Hoje, saem pela porta dos fundos dos hospitais, passam rápido pelo velório anexo ao cemitério e são enterrados sem ritos de passagem. Assim, a vida fica menos poética e mais dura. E a morte apresenta-se como castigo.

O dia dos Mortos é propício ao balanço do que fazemos com a vida. Se nada sabemos de nosso futuro, exceto a certeza da morte, talvez seja esta uma boa ocasião para imprimir à nossa vida um sentido que contribua para evitar tantas mortes precoces, como as produzidas pela fome, que resultam de mero des-

caso político. Para nós, cristãos, a ressurreição de Jesus nos dá o direito de rir da morte: “Onde está tua vitória?”, pergunta o apóstolo Paulo. ■

Frei Betto é escritor

O negro, nascido sem berço e morto em vida

Carlos Maria Ariz

Já em 1495, quinhentos índios foram enviados para a Espanha como escravos. Felizmente, graças aos enérgicos protestos de Frei Bartolomeu de las Casas, Carlos V proclamou a ilegalidade da escravidão indígena em 1530.

Lamentavelmente, para os africanos não surgiram mediadores e nem debates jurídicos e teológicos em sua defesa. O mito diabólico dos “filhos malditos de Cam”, que começou a circular por volta da Idade Média, serviu para estimular, primeiro Portugal e depois a Espanha, a caçar escravos no Continente negro.

Durante os quatro séculos posteriores à Conquista, calcula-se o número de escravos negros deportados para a América em onze milhões e meio, embora alguns o elevem a treze e até a quinze milhões.

O calvário do escravo iniciava-se na travessia do Atlântico. Amontoados como fardos, em pequenas embarcações, e com pés e mãos atados, compartilhavam a fome, a umidade, o calor sufocante e as doenças mais sórdidas naquelas tumbas flutuantes.

Ao chegar em terra, uma refinada técnica de tormentos os aguardava, como sinal e garantia de submissão total a um padrão degenerado, que desafogava seus instintos em vítimas tão desgraçadas. Alguns dos tormentos consistiam em aplicar ferros em brasa nas partes delicadas do escravo, amarrá-lo a uma



estaca para ser lentamente torturado pela voracidade dos insetos, queimá-lo vivo, incitar cachorros e serpentes contra eles, violentar as mulheres, etc.

E tudo isso era avalizado legalmente por um nefasto código negro, escrito na França em 1685, “o texto jurídico mais monstruoso que os tempos modernos produziram”, nas palavras de Louis Sala-Molins.

Mas a brutalidade do dono de escravos não se resumia à tortura física: tinha que chegar até à destruição da identidade pessoal do escravo. Assim, eram divididos de modo a misturar nacionalidades, para fomentar rivalidades e autodestruí-los socialmente. Os filhos eram separados de seus pais a fim de que não pudessem recobrar a identidade familiar. Dispersando-os por terras estranhas, desejava-se fazer com que fossem vítimas de uma total alienação.

Hoje, os afroamericanos são os herdeiros naturais dos velhos escravos. Da mesma forma que aque-

les negros fortes, de braços robustos e baratos, importados da África para explorar as novas terras, pela ambição desmedida do capitalismo europeu, os negros de hoje, marginalizados pela discriminação racial, têm que se contentar com uma agricultura elementar, de técnicas rudimentares e pouco rendimento, em exíguas plantações às margens dos rios, em clareiras das florestas onde cultivam milho, arroz, banana, mandioca, inhame, etc., para sua própria sobrevivência e um modestíssimo intercâmbio de mercado, quando possível.

Apesar de tudo, esse povo que nasce para a fé cristã como vítima dos mais graves escândalos religiosos e sociais, e que não confia na sociedade rica, indiferente e opressora, soube interiorizar-se no mundo de seus antepassados e aprender dos mortos a dimensão de uma religiosidade com um forte sabor de cruz. É aí que os negros cultivam sua “consciência negra”, como reflexo de suas lutas históricas contra o saque de suas identidades culturais, étnicas e históricas, que seus antepassados trouxeram da África.

O povo negro soube aproveitar a negritude para se identificar, se unir e criar valores comunitários em autêntica cruzada contra toda discriminação racial herdada da sociedade colonial. ■

Carlos Maria Ariz é bispo de Colombo, Panamá.

O novo catecismo: entre a ortodoxia e a interpretação

J. B. Libânio

O novo catecismo escolheu um gênero literário que lhe permite enorme riqueza, mas que o deixa frequentemente em situação embaraçosa.

O antigo catecismo romano cingiu-se ao contexto da contra-reforma. Hauriu sua teologia fundamental do Concílio de Trento. Com isso conseguiu uma homogeneidade de horizonte cultural e sua linguagem pôde fluir sem empecilhos.

Este novo catecismo poderia ter feito o mesmo, se se tivesse atido unicamente ao Concílio Vaticano II e a sua própria estrutura de interpretação. É verdade que os textos do próprio Concílio encerram mais de um tipo de teologia e tendência no seu interior. Mas mesmo assim conseguiu-se uma relativa harmonia entre elas, sem violências semânticas e de horizontes culturais. Talvez o caso mais difícil de conciliação de sentidos tenha acontecido no interior da Constituição dogmática sobre a Igreja, já que lá estão, pelo menos, duas eclesiologias bem diferentes. Uma ainda tributária do Concílio Vaticano I e outra que se estava configurando, de modo novo e original, nos anos preparatórios ao Concílio Vaticano II e que nele encontrou cidadania. Deixando de lado tal questão mais delicada e fina, pode-se dizer que o Concílio Vaticano II apresenta uma relativa grande unidade.



A tradição não existe como um corpo morto. Ela só é tradição enquanto transmitida, viva.

Este novo catecismo não se restringiu a ser um simples catecismo do Concílio Vaticano II. Houve vários dicionários temáticos bem elaborados que funcionaram à guisa de um catecismo do Concílio Vaticano

II, onde se encontram os seus principais ensinamentos segundo uma certa ordem temática.

Ao querer ser, como o próprio Papa expressa na Constituição de promulgação, uma “sinfonia da fé” com o concurso de tantas vezes emitidas ao longo desses 2.000 anos de tradição cristã, ele assumiu uma tarefa difícil e arriscada. A tradição não existe como um corpo morto. Ela só é tradição enquanto transmitida, viva. Paulo VI, contrapondo-se ao conservadorismo lefebvrino, diz, de modo enfático, que nada é tão distante da tradição quanto o simples apego a um passado desaparecido. E Yves Congar acrescenta agudamente que a “única maneira de dizer a mesma coisa num contexto que mudou é de dizê-la de modo diferente”.

Ora o novo catecismo quer transmitir esta tradição. Para isso, recolhe citações deste longo périplo de dois milênios e enfileira-as no texto. Acontece que os horizontes em que elas foram pronunciadas são muito diferentes entre si e muito mais em relação ao de hoje. Assim muitos textos, colocados um ao lado do outro, entram em conflito de interpretação e deixam o leitor desorientado.

Um leitor avisado deverá reconhecer os contextos dos textos usados para evitar uma interpretação literal facilmente equivocada. A au-

sência de uma preocupação de localizar os textos e nesses contextos interpretá-los é inteligível no sentido de simplificar e facilitar a leitura. Do contrário, o catecismo ficaria sobrecarregado com contínuas interpretações. Mas, doutro lado, corre-se não pequeno risco de uma mistura de horizontes culturais bem diversos e uma inteligência prejudicada do texto.

No campo da exegese, desenvolveu-se muito nesse século de sérias pesquisas o acesso crítico aos textos bíblicos. O catecismo não parece levar sempre em consideração esses estudos exegeticos de maneira que pode parecer, às vezes, sugerir uma leitura imediata da Escritura em conflito com os conhecimentos humanos e científicos de um leitor mais instruído.

Tais dificuldades podem ser obviadas se o catecismo for submetido por aqueles que vão usá-lo ao trabalho de interpretação e exegese. Nesse caso ele não deveria ser colocado nas mãos de qualquer leitor ou mesmo catequista, mas antes ser explicado por pessoas de certa competência teológica. Com isso, ele perde um pouco da finalidade desejada de ser um livro de acesso fácil. Ao querer evitar entrar no mundo das interpretações para facilitar sua leitura, ele terminou dificultando-a, já que não trabalhou suficientemente os conhecimentos da exegese moderna e da ciência da interpretação.

Evidentemente esta ressalva não vale de todas as passagens. Há muitas que correm transparentes. Mas há outros pontos em que um cuidado mais esmerado de interpretação teria sido ne-

alma de maneira imediata por Deus.

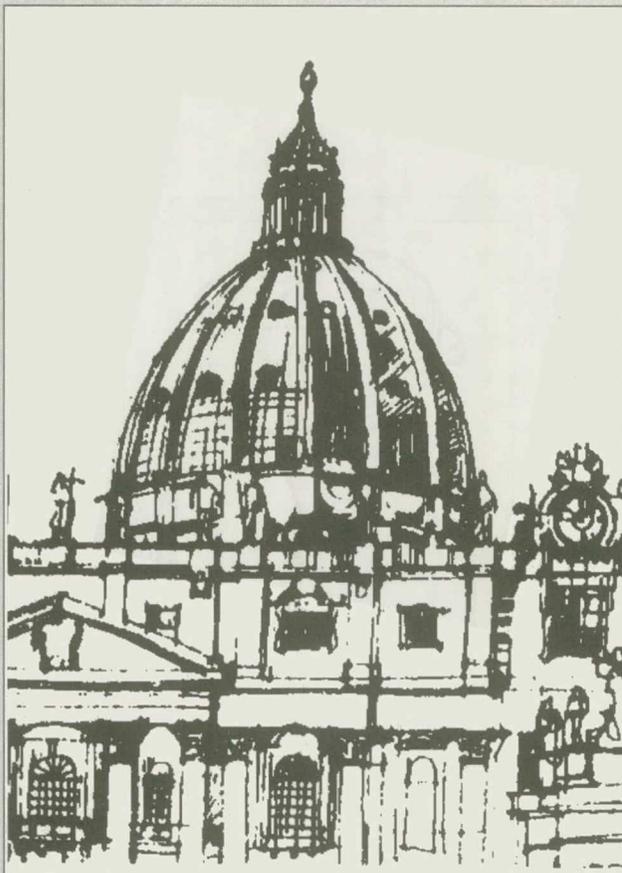
Estas observações críticas não anulam a enorme riqueza que o catecismo contém, como verdadeiro monumento da fé. De fato, é mais um monumento grandioso que uma transmissão viva. Tem a beleza e solidez do monumento. Mas não tem a agilidade da transmissão viva. Se soubermos conjugar as duas dimensões de monumento e de transmissão viva, poderemos, sem dúvida, fazer excelente uso do catecismo. Ao recolher as riquezas desse momento, cabenos dar-lhe vida interpretando-o para as diferentes pessoas e situações. Nesse movimento ele prestará excelente contribuição, enquanto, de nossa parte, se supõe enorme esforço de informá-lo com o sopro vital do momento e do lugar em que vivemos.

O catecismo quer ser para o homem moderno. Mas certamente em muitos pontos defrontar-se-á com uma resistência por parte dele em nome dos seus conhecimentos das ciências e humanas.

A tradição só é tradição enquanto transmitida, viva.

“A única maneira de dizer a mesma coisa num contexto que mudou é

de dizê-la de modo diferente. ■



“A única maneira de dizer a mesma coisa num contexto que mudou é de dizê-la de modo diferente”

cessário. A título de exemplo, toda a problemática da criação do homem e da mulher prescinde totalmente da questão do evolucionismo, do poligenismo, como se estes dados da ciência em nada afetassem a sua inteligência. Afirma sem mais explicação a criação de cada

João Batista Libânio é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma). Professor de Teologia e Diretor na Faculdade de Teologia do CES, Belo Horizonte, MG.

Juventude e fé

Pe. Elias Leite

A juventude hoje vive num mundo sem heróis. Mas, num planeta de ídolos.

O culto aos heróis desapareceu. Porque também eles desapareceram. O homem moderno se idolatra.

O herói tem uma luta e um passado. O ídolo só tem o presente, o herói é assim considerado porque realizou. Tem algo que impressiona. Causa admiração. Incentiva ao seguimento. À imitação. Perdura para o futuro. O ídolo é o momento. Entusiasma, sim. Faz vibrar. Vive apenas um tempo. Talvez uma época. Não perdura. É descartável.

Não se fabrica um herói de verdade. Mas, criam-se ídolos. E a qualquer momento. O ídolo não se segue. Não se imita. Nem há tempo. Curte-se apenas. Desaparece. Resta a expectativa do próximo. Que o digam os fabricantes de espetáculos.

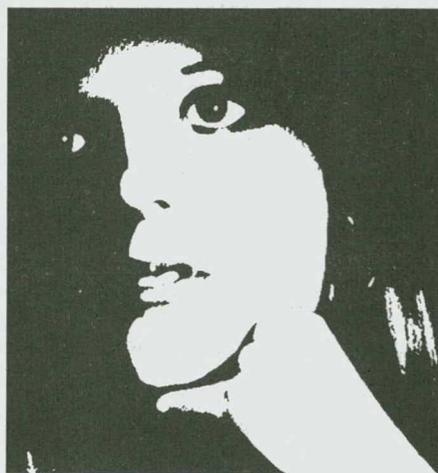
É neste mundo inseguro, irreal, de coloridos jatos de luz, que a nossa juventude se encontra. E o reflexo desse estonteante clima existencial se estende por todas as áreas que ocupa: a maneira de pensar, o comportamento, a família e a sociedade. E, conseqüentemente, a Fé, o religioso, não fariam exceção.

Os jovens não têm culpa de assim procederem. Pois estão em um mundo que criamos para eles. E até mesmo um mundo nosso no qual os utilizamos em vez de orientá-los para que dele tomem posse e em médio prazo conduzam os seus destinos.

Vemos uma juventude alegre de aparência ingênua, que pinta a cara e sai às ruas sem bem saber por quê. Quando no final nada reivindi-

cou para si. Nada recebeu. Sentiu apenas a alegre ilusão de ter aparecido na telinha colorida dos noticiários, manipulada pela mídia política, econômica e jornalística. Nada mais.

E a sociedade hoje, mais do que nunca, a sociedade adulta, deve a estes



jovens todo o seu direito de ser.

Quando disse acima que a juventude hoje vive num mundo sem heróis, é porque eles não estão existindo para que ela creia. Os "heróis" mostrados são de fancaria, são falsos. O que anda em evidência são os grandes corruptos, os sequestradores, traficantes, matadores impunes. Os violentos e estupradores físicos e morais. Os que, na linguagem falada e visual da TV expõem à juventude a qualquer hora, as cenas livres do mais vulgar sexualismo, apontando-lhe as pistas do "tudo pode", do "tudo vale", contanto que se tire vantagem, a pretexto de liberação. Haja vista a frequente alienação dos shows importantes a lotar estádios. E cada situação traz seu

tipo de "heróis" transformados em ídolos. Nasce daí um conceito naturalista da existência, irresponsável, angustiante, vazio.

E o jovem inserido neste quadro, como viver a Fé?

Aí está o grande desafio. E é nesse campo fecundo de esperanças que prioritariamente deve chegar a Nova Evangelização como missão da Igreja. Porque, Nova não somente no ardor, na expressão e nos métodos, como pede o Papa, mas também Nova na nova geração desse fim de século, nessa juventude que aí está, sedenta de objetividade, de certeza e segurança, e sentido da vida. Sedenta de Deus.

Evangelizar a juventude hoje é missão de todos. Da família, da escola, das instituições cristãs. Revelar aos jovens de hoje o Cristo jovem como o Deus de sua juventude. Para quando essa juventude, com o passar do tempo, for se desiludindo da transitoriedade dos ídolos do seu tempo, possa encontrar dentro de si as estruturas cristãs de uma vida de Fé que venha forjar heróis no mundo do amanhã.

O que se vê, em geral, é uma juventude instrumentalizada, condicionada, em vez de dirigida para um responsável humanismo de vida.

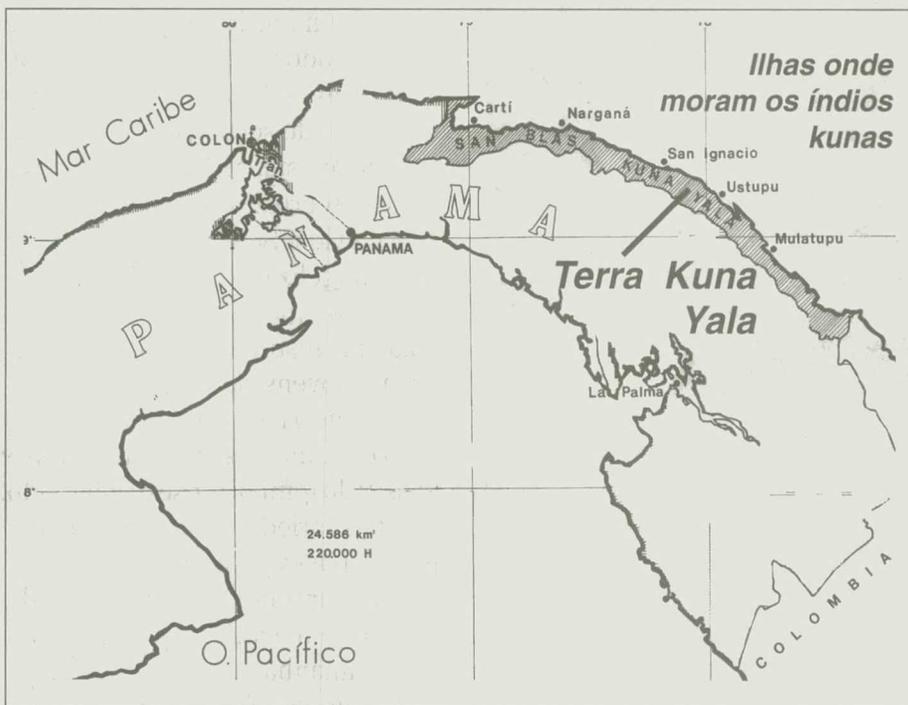
Como lhe falar de Deus, valor supremo, quando sente seu coração ilhado por tantos desvalores? Falar-lhe de santidade de vida quando um mundo materialista o impede de olhar para o alto?

Elias Leite é sacerdote claretiano, escritor e poeta.

Índios, sua cultura, sua religião

Ano Internacional da demarcação das terras dos povos indígenas (ONU)

Esta entrevista foi concedida à revista Ave Maria pelo sacerdote católico e antropólogo Aiban Wagua, descendente de índios kunas do Panamá, América Central, por ocasião de sua estada no Brasil em setembro. Aqui, ministrou um curso para teólogos na faculdade de Teologia do Ipiranga, São Paulo, sobre a questão da cultura indígena.



AM: - Qual a atividade econômica dos kunas?

Aiban - As atividades mais importantes são a pesca e a agricultura. Por estar as ilhas muito perto da costa (dez minutos de barco) de madrugada saem quase todos os homens rumo ao Continente para as plantações, de mandioca, banana da terra, coco (o principal produto, aproximadamente 20 milhões ao ano e é praticamente a nossa moeda para adquirir os artigos de primeira necessidade). Os kunas que ficam vão à pesca.

AM: - Quais são os costumes mais comuns conservados tradicionalmente entre os kunas nas Ilhas?

Aiban - Os costumes em geral são muito expressivos, fazendo parte da cultura desde o nascimento até a morte. Por exemplo, quando nascem as meninas acontece a cerimônia de abertura do septo nasal (com uma agulha), para anunciar ao povo kuna que nasceu uma menina. Elas são consideradas um privilégio para as famílias; para os homens não há nenhuma cerimônia. Para as meninas durante a vida existem ainda cinco outras cerimônias distintas. Cada Ilha representa uma comunidade e cada uma tem seu Sayla (chefe administrativo, que é também como um sacerdote tradicional da religião kuna).

AM: - Como se chama o lugar que você nasceu?

Aiban - Atualmente Kuna Yala (terra dos kunas), antes se conhecia com o nome de San Blas (São Brás). Do ponto de vista kuna esse nome de San Blas não servia para designar seu território. Então se introduziu conforme a lei do Panamá o nome de Kuna Yala.

AM: - Qual é a população atual dos kunas no Panamá?

Aiban - Somos aproximadamente 50 mil, mas há grupos mais numerosos como: o Noge Bugle (conhecidos por guaimies) 120 mil, o Embera Uaunan 15 mil e outros menos numerosos como o Teribe que são 1800. Nós os kunas vivemos a maioria nas Ilhas de Kuna Yala, aproximadamente 35 mil, o restante vive nas cidades do Continente. São quatrocentas ilhas aproximadamente das quais 39 são povoadas pelos kunas.

AM: - Cada ilha portanto tem sua autonomia administrativa, política e religiosa?

Aiban - Cada comunidade é específica, pois o kuna só se considera povo como um conglomerado quando tem o seu Saila, sua Casa de Reunião ou Congresso.

AM: - O chefe Saila, coordena a temática da reunião e o povo pode participar?

Aiban - Nessa Casa de Reunião é a casa comum e não há impedimento para que qualquer um possa falar. Os problemas são resolvidos ali. Esta casa é conhecida também como templo do povo kuna e a cada tarde o Saila (chefe administrativo da comunidade), convoca a comunidade e lhes recorda a sua história, a história da Criação, a história de grandes personagens. E esse recordar é cantado. Depois faz-se propostas, alternativas para resolver os seus problemas econômicos ou sociais. Todos expressam a sua opinião. Há uma série de intervenções e por último o Saila intervém resumindo tudo o que foi dito para se chegar a solução. É definitivo que quem dá a solução final é o povo que sente o problema. Democraticamente.

AM: - Você falou uma coisa interessante, o Saila canta a história da Criação. Quais os pontos principais e fundamentais dessa história?

Aiban - O povo indígena kuna, como outros povos, não distingue o profano do sagrado, o religioso do político e do não político, mas há uma integração total. Todo o sentido da vida é vista nesta globalidade. Por exemplo, o Saila quando canta está invocando a Deus como Paba (pai) e Nana (mãe), porque para o povo kuna o Deus é casado, é pai e mãe, duas entidades, mas um só Deus, que criaram o mundo. De como a mãe-terra nasceu e dela fazemos parte. Como surgiram as grandes personalidades através da história do povo kuna. O Saila ao cantar, se expressa em uma linguagem especial e para entendê-la, o povo precisa também de uma interpretação especializada. O Saila para



chegar a cantar, sobre o Paba e Nana, sobre as obras da Criação, necessita passar treze ou quatorze anos de estudo. Por tanto não é uma improvisação qualquer.

AM: - Esse canto é sempre transmitido por tradição oral, ou existe alguma coisa escrita?

Aiban - É uma tradição oral. Tem se estudado e comprovando através da investigação (desde 1975), que o núcleo dessa tradição não varia, e passa de um Saila a outro. O que varia é a interpretação e a atualização deste “Pabigala” (a história do povo kuna que só se canta na Casa de Reunião).

AM: - Falando desse sistema, o Saila que canta e um intérprete que atualiza o canto é um tradição de muitos anos?

Aiban - Muitos e muitos anos. Eu tenho documento de 1548 e escrito por um dos marinheiros ingleses que chegaram às ilhas, que já fala desse Congresso, desse Saila que canta e de muitas cerimônias que existem ainda hoje e de muitas que desapareceram, mas o núcleo, sobretudo, permaneceu. Esse intérprete se chama Argar, que significa também armação da casa, é como o osso de nosso corpo. O Argar deve dar a interpretação, o núcleo teológico do que está cantando o Saila,

Homenagem ao padre Aiban no final do curso sobre “Cultura Indígena” no Instituto Teológico do Ipiranga, São Paulo.

deve ser como a armação da sociedade. Pensar em Paba e Nana na mentalidade kuna é como a armação do esqueleto da sociedade, se a sociedade não está fundamentada nesse esqueleto, a identidade kuna, não pode resistir.

AM: - Como que o povo kuna está vendo hoje o problema da tecnologia e do avanço de uma sociedade moderna, que vai invadindo a cultura com a informática, a eletrônica, etc.? Como essa estrutura que você falou enfrenta essa “invasão moderna”?

Aiban - Sim, é um ponto crítico visto assim, como invasão, mas se esta estrutura não for também flexível aos moldes de hoje não sobreviveria. Por exemplo, com todo o desenvolvimento tecnológico, esse povo pode morrer culturalmente. Porém, no fundo, creio que o que povo kuna mais busca nessa tecnologia, e em muitas ocasiões comprovou, foi servir-se dela para consolidar a sua própria cultura. Por exemplo, o gravador que facilitou em muito a aprendizagem do “Pabigala”, da aprendizagem das curas com vegetais. O ensinamento dos mestres kunas é oral, portanto, necessita de muito tempo para o aluno aprender com a repetição. Com o gravador o aluno grava os ensinamentos do mestre e leva para sua casa. O povo kuna não tem escrita. A comunicação, por exemplo, é a aprendizagem do Pabigala, — a história do povo kuna que lhe falo que se dá no Congresso — que pode ser transmitida oralmente ou pode ser gravada e levada até a cidade do Panamá para ser aprendida. Enfim, vemos que o povo vai moldando suas exigências sem perder de repente tudo o que é de valor para eles.

AM: - Como que você caracterizaria, no caso kuna, que de fato é culturalmente preservado na sua origem? Mesmo que utilize tecnologia moderna, que o caracteriza como kuna?

Aiban - Digo que isso varia muito. A identidade kuna caracteriza-se pelo trabalho participativo ante ao coletivo. Há uma vivência comunitária, através da língua, da religião. Não é tanto a parte externa que se deve levar em conta. Por exemplo, os kunas são 12 mil no centro da Capital do Panamá, estes em vez de dizer, "agora que eu estou fora da comunidade sou branco", não, pelo contrário, cria uma comunidade. Essa comunidade começa a optar por uma Casa de Congresso, sua economia é participativa, exatamente como funciona nas ilhas de Kuna Yala.

AM: - E não existe dificuldade ou conflito já que toda a estrutura do Panamá e toda a América Latina e do ocidente é capitalista, cheia de conflitos?

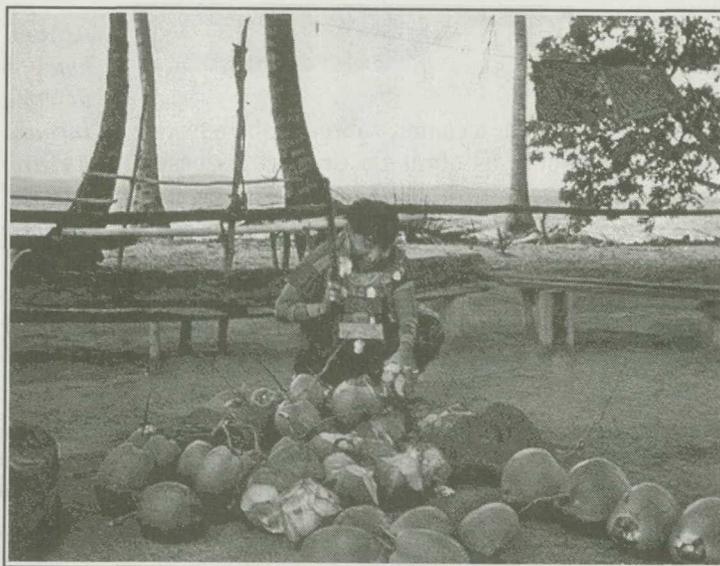
Aiban - Há bastante conflitos, mas também uma luta tremenda em conservar a identidade mesmo estando na cidade. A primeira coisa ao se chegar à cidade é saber onde estão os outros kunas, onde estão os outros indígenas. Formar grupos, uma cooperativa forte para que o dinheiro seja usado como em suas terras de origem. A identidade se mede pela capacidade e flexibilidade de acomodação, de manter a mentalidade original que desde pequeninos em nossas ilhas foram moldando as nossas vidas.

AM: - Diante da sociedade, não kuna, a amizade como é vista?

Aiban - Bom, alguns nos aceitam, outros às vezes nos consideram que somos bobos, e dizem: "estes kunas são bobos porque hoje têm bastante dinheiro e acabam com tudo um dia depois". Mas, esta é a maneira de ver e interpretar sob uma lógica capitalista.

AM: - Que lugar tem a mulher na comunidade kuna?

Aiban - É vista sob duas esferas: na esfera histórica, a mulher ocupando o primeiro lugar, no sentido de que o homem não funciona sem a mulher e vice-versa. Para os kunas Deus é um casal, portanto o equilíbrio do universo está no casal e não sobre o homem e nem sobre a mulher. Todos no mundo estão bem emparelhados, portanto quando falta um dos dois há uma desintegração da sociedade. Também nós sofremos a influência do consumismo, da utilização da mulher como objeto. Atualmente há movimentos de recuperação e as



mulheres começam a participar plenamente como historicamente tem sido feito.

AM: - O povo kuna pode ter uma mulher no posto de Sailla?

Aiban - Sim na história sempre apareceram mulher, homem. Atualmente, como lhe digo, há vários anos que não aparece uma mulher para o posto, e isto é devido a esta discriminação que também nós estamos sofrendo com relação à mulher.

AM: - Aiban, fala-se muito, depois de Santo Domingo, sobre a questão da inculturação, o que você viu de positivo nisso? — esses valores todos que o povo tem pode expressar na mentalidade cristã,

a presença do Verbo. Percebe-se que a Igreja tem essa visão evangélica em que onde exista a comunitariedade — expressão de Deus, onde exista a partilha, ali está a presença do Cristo —, como você vê essa proposta de Santo Domingo, a inculturação do Evangelho?

Aiban - Bom, sinto que o povo indígena está mais avançado do que pode ter dito Santo Domingo. Em que sentido: Santo Domingo nos fala de uma inculturação, porém segundo as suas categorias. Por exemplo, antes de dialogar, já propõem normas estabelecidas pela própria igreja. Pessoalmente, parece que impediu o diálogo fraterno e honesto que Santo Domingo proclama. Um

diálogo não é unilateral, sujeito às normas de uma parte. Por outro lado, sinto também que quando se fala da inculturação se comete um erro, já que os povos indígenas estão inculturando a fé desde que chegou o primeiro missionário.

Eu creio que o problema não está no processo da inculturação, mas na consequência da inculturação, no resultado. Pois, quem vai ser finalmente o árbitro a dizer se esta inculturação é positiva ou negativa, será a própria igreja. É isto que os povos

indígenas tem uma certa desconfiança. Vêem como um processo que vai marginalizando as religiões indígenas e paulatinamente fazendo esquecer as suas próprias religiões. Se Deus nos ama a todos por igual, porque não inspira a todos igualmente. Porque privilégios de uns sobre os outros. Diante da questão, onde está a presença de Jesus Cristo. Eu sinto que para a igreja o indígena não é sujeito de evangelização, o indígena todavia é objeto a ser evangelizado, a ser aperfeiçoado. Quando a igreja considerar aos índios como sujeitos, aí sim, haverá diálogo entre iguais, porque nós os índios sempre tivemos fé religiosa. Vamos nos renovar e enriquecer mutuamente.

AM: *Isso poderia ser interpretado como inculturação?*

Aibam: Inculturação é a aprendizagem dos valores em si, como dizem os antropólogos, enquanto sou inculturado vou assumindo os valores que os povos vão oferecendo.

AM: *- Os povos indígenas também tem os intermediários, os consagrados, os sacerdotes, seus representantes? É uma constante?*

Aiban - Se olhamos sob o prisma ocidental não se percebem muito claros estes conceitos, mas é também um problema na igreja, na sociedade atual. Para poder dizer que um povo tem sua religião, tratamos de medir o sistema religioso conforme o sistema pre-dominante. Tratam de identificar, concretizar, delimitar a parte religiosa dos povos indígenas como é vivido na sociedade ocidental. Dizem: "esse povo parece que não têm religião", como aconteceu com os missionários que aqui chegaram pela primeira vez. É a mania de querermos nos meter num esquema diferente daquele que não temos nada a ver. Você me pergunta se temos sacerdotes: o kuna é bem claro ao dizer que tem o seus Sailas (os representantes, os pregradores os que mantêm a cultura religiosa do povo, os que tem a obrigação de ensinar a todos os kunas esta mensagem do Paba e do Nana e que também é o administrador). Qualquer

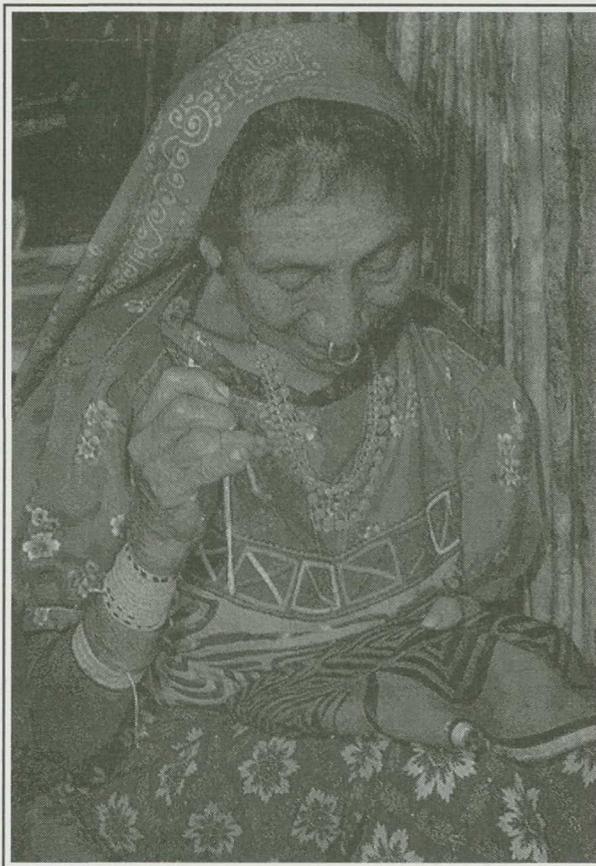
missionário que vem para o nosso meio percebe claramente como funciona, como é a religião do povo kuna. A maneira como se é sacerdote em um povo não se aplica a outro.

AM: *- E a eleição do Saila como é feita?*

Aiban - É uma eleição comunitária, mas o candidato, passa por 13 ou 14 anos de aprendizagem, tem que aprender a história do povo kuna. Ao final, se são capazes e dependendo do comportamento moral, de seu respeito na comunidade, sua

maturidade, serenidade, é eleito.

AM: *- O futuro das nações indígenas, a do Brasil por exemplo, que parecem muito frágeis no sentido da conservação da cultura, manipuláveis, parecendo ter mais dificuldades de estabelecer o seu espaço, sua cultura e seu jeito de ser, levando a crer que o destino deles é desaparecer —, já os povos da América Central parece que não? Você acha que eles vão conservar essa tradição?*



Aiban - Sou otimista, penso que os quinhentos anos de conquista dos povos indígenas não foram em vão. Aprendemos subterfúgios, refúgios e resistimos. Creio que ganhamos muito em experiência. De 1992 para cá, o mundo tem se condoído com as mortes dos indígenas, coisa que não acontecia há 15 e 20 anos. Morriam vinte índios e não se ouvia falar nada; não quer dizer que a agora se está eliminando mais índios que antigamente. Em muitas partes da América Latina o número de indígenas aumentou. Porque antes

morriam muitas crianças, hoje não por causa da medicina. Os governos vêem perigo nos indígenas não só pelo número, mas pela solidariedade internacional. Quando um grupo indígena pede uma terra, já não pede sozinho. Isso cria toda uma mentalidade que nos dá força e preparo contra as ameaças feitas para tomar nossas terras por parte dos Governos.

AM: *- Aibam, diga alguma palavra sobre os índios dos USA, eles tem esse tipo de unidade, os chamados peles vermelhas? Eles tem núcleos organizados?*

Aibam - Sim, no nível internacional há uma corrente muito interessante, não foi de todo mau a comemoração em 1992 dos 500 anos. E sim uma oportunidade aos indígenas de se encontrarem em seminários internacionais. Por exemplo, na América Latina no ano passado, eu não tenho completo o número, houve mais de 130 convenções internacionais de indígenas. Isso proporcionou uma solidariedade tremenda. Surgiram núcleos de coesão no Panamá. Há dois anos foi criado uma Coordenação Nacional de Povos Indígenas. Nunca houve no Panamá um levante realizado pelos indígenas. E no mês de maio passado aconteceu um levante Nacional de povos indígenas, exigindo a demarcação das terras. O governo se assustou, se surpreendeu

porque consideravam que estávamos divididos. Há uma solidariedade forte nos encontros internacionais, há todo um processo de coordenação no nível continental. É claro que, por parte dos poderosos, há também uma intensa trama para manter-nos divididos. Quer dizer que a cada dia que passa os núcleos indígenas vão se consolidando cada vez mais. O caso ianomamis por exemplo, desperta em nós, não um desânimo, mas uma busca de alternativas de unidade para vermos-nos mais fortes.

A utopia cristã

Antônio Mesquita Galvão

A ânsia de ser feliz

A medida que as ciências particulares têm evoluído parece que cada vez mais se inventam teorias capazes de nortear o ser humano, indicando-lhe o caminho do bem e da felicidade e, por mais paradoxal que pareça, os frutos da modernidade são o desajuste, a incapacidade para a vida afetiva, a indiferença, a violência e como somatório, a infelicidade e a irrealização.

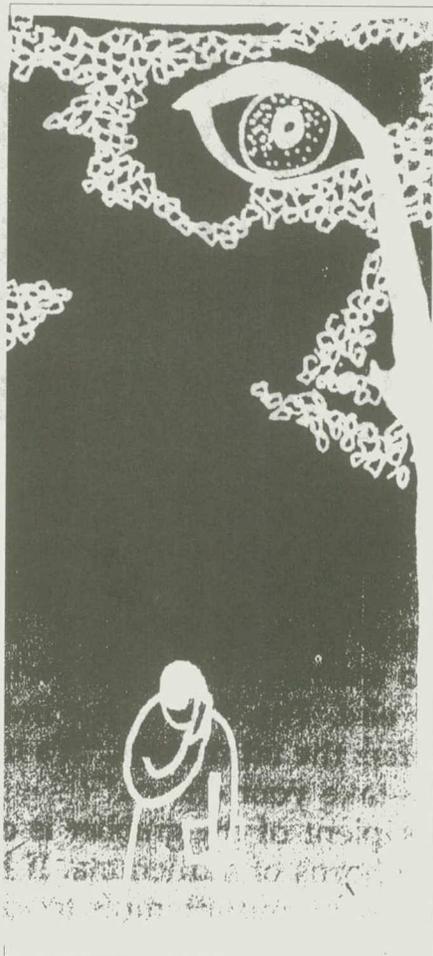
Os cães e o carro

Desde as primeiras especulações filosóficas helenistas, que datam do século V aC, o homem ocidental tem questionado suas origens e sua destinação final. Ao perquirir sobre suas realidades ontológicas, o homem indagou a respeito de seu passado, de seu futuro e de seus objetivos de vida.

Os estóicos falavam muito em destino. Nos fragmentos de Heráclito encontra-se passagens que afirmam que os homens não são livres, mas escravos do destino, como a história dos cães e do carro. Ao construir essa sentença, o pensamento estóico tinha em mente aquela narrativa mitológica referente à definição da *môira* e do *eimarmene* (ambas as palavras, no grego, significam destino) na qual um carro arrasta dois cães. Um sub-

mete-se docilmente. O outro, por resistir, é arrastado violentamente pelas rodas do carro. Isso exprime o fatalismo clássico grego, onde não adiantava resistir ao destino. O tema seria retomado, quase cinco séculos mais tarde, por Sêneca, um neostóico que afirmou: "Volentem fata ducunt, nolentem trahunt", os fatos conduzem aquele que se deixa conduzir e arrastam quem não quer.

A utopia de Morus

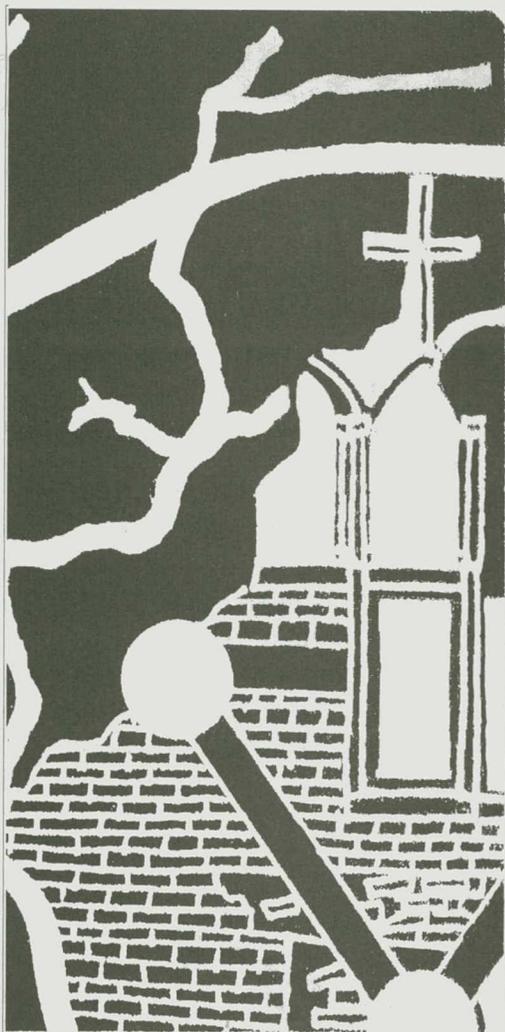


No século XVI Thomas Moore (S. Tomas Morus) escreveu em 1516 sua célebre obra "Utopia", onde o monge inglês descrevia uma sociedade-limite, sem classes e sem extremos. O título desta obra é um neologismo criado por Morus, a partir da palavra grega *tópos* (lugar). Utopia quer dizer, portanto uma negação com referência a lugar, ou um lugar que não existe ou, ainda, uma coisa fora de lugar ou, um vir-a-ser. Utopia faz hoje parte de nossos vocabulários como uma coisa praticamente inatingível. Na segunda metade do século XX alguns teólogos latino-americanos criaram a expressão *topia* como antítese da *utopia*, para exprimir algo que se torna viável e exequível. Em nossa linguagem do povo simples, quando alguém quer expressar algo fenomenal, classifica como "não tem no mapa". Esta é idéia da utopia: uma coisa tão boa que foge das realidades conhecidas. A formulação ideológica de Morus, entretanto, apesar do excelente conteúdo socio-filosófico da obra, não é original. Original é a nova palavra, o neologismo que ele introduziu e que hoje transita livremente em muitas construções literárias. A palavra é nova, mas não a idéia.

Sociedades perfeitas

Em "A República" (365 aC) Platão descreveu um estado de verdade, com respostas positivas aos desejos de justiça e de realização dos

homens de seu tempo. No poema védico *Mahabárata* (se. III aC) os escritores hinduístas apresentam idéias também tendentes a uma sociedade ideal, onde o bem triunfe sobre o mal e onde este não encontre espaços para proliferar. Em sua festejada obra "O Paraíso Reconquistado" (1671), John Milton descreve a sociedade perfeita, onde o bem seja valor absoluto, a partir da vitória de Cristo sobre o adversário Satanás. Fugindo do maniqueísmo de Milton, mas fiel à idéia da sociedade perfeita, o ano de 1993 nos traz duas significativas criações da ficção literária. Uma delas é "O Admirável Mundo Novo" de Aldous Huxley (1894)-1963) que retrata o típico pensamento norte-americano da década de trinta, onde é mostrada uma sociedade industrial emergente que venera a ciência e as máquinas, em detrimento dos sentimentos, considerados coisas inferior e piegas. A outra é "Horizonte Perdido", de James Hilton, cuja ficção criou em 1947 "Xangrilá", um lugar distante, encravado no Himalaia tibetano, de felicidade perene. Outro clássico desse gênero vem da lavra de George Orwell (1903-1950), chamado "1984", escrito em 1949 e levado às telas em 1954, que descreve uma sociedade impositora de uma nova ordem que, em nome da uniformidade, capaz de dar uma pretensa felicidade, destroi a intimidade das pessoas, pune o amor e adapta a verdade à doutrina do sistema. No mesmo gênero, "Alphaville" (1988) é uma criação do cineasta Jean-Luc Goddard, onde ninguém possui vontade própria, e a sociedade, como uma *intelligentzia*, programa informati-



camente as regras de conduta das pessoas, com o objetivo de controlar a sociedade e estabelecer padrões de satisfação, acessíveis a todos.

Muitas outras criações existem por aí sobre a eterna busca da felicidade empreendida pelo homem, do berço ao túmulo, na afanosa perseguição da realização estável, que Weber, Maslow e Etzioni, no século XX definiriam como a simples satisfação das necessidades. Só para citar outras formulações análogas, temos a lenda sul-americana do "El Dorado", a mitológica "Passárgadas", a "Aruanda", como paraíso de retorno dos escravos africanos, e a "Civitas Soli" de Campanella (sec. XVII), todas tendentes à idéia da sociedade perfeita e imperturbável.

Num determinado momento, o pensamento humano chegou a imaginar que a idéia de Deus era obstáculo, e resolveu bani-lo da relação. As exigências das religiões e crenças eram como que mãos a sufocar as pessoas, impedindo-as de serem felizes, e de viver livremente seus desejos e inclinações. A idéia não é nova, mas toma corpo quando Nietzsche (1885) em sua célebre obra *Also Sprach Zarathustra* (1885) bradou: "Deus está morto!" Queria dizer que a religião de sua época tinha perdido o sentido e o poder sobre as pessoas, afirmando que chegara a hora do homem analisar criticamente sua história e seus valores tradicionais. A essas teorias o pensamento norte-americano moderno acrescentou em 1966 através de T. J. Altizer, a "Radical Theology and the death of God" onde a idéia de Deus era completamente banida para, em acolhida as teses de Freud, fossem extintos todos os complexos de culpa. Além da origem em Nietzsche, as teorias de Altizer trazem em si um misto da filosofia de Hegel, e um pouco dos textos de Voltaire, Goethe e William Blake. Segundo Altizer, o pensamento humano precisava banir a idéia do transcendente, para ser livre e feliz.

A morte de Deus

As antigas crenças judaico-babilônicas e helenistas concebiam uma nova realidade de perfeição a partir do "*malkut*" e da "*basiléia*", onde tudo seria felicidade, sem choro, sem morte e sem contrariedade.

As crenças judaico-helenistas

novembro/93 ave maria 17

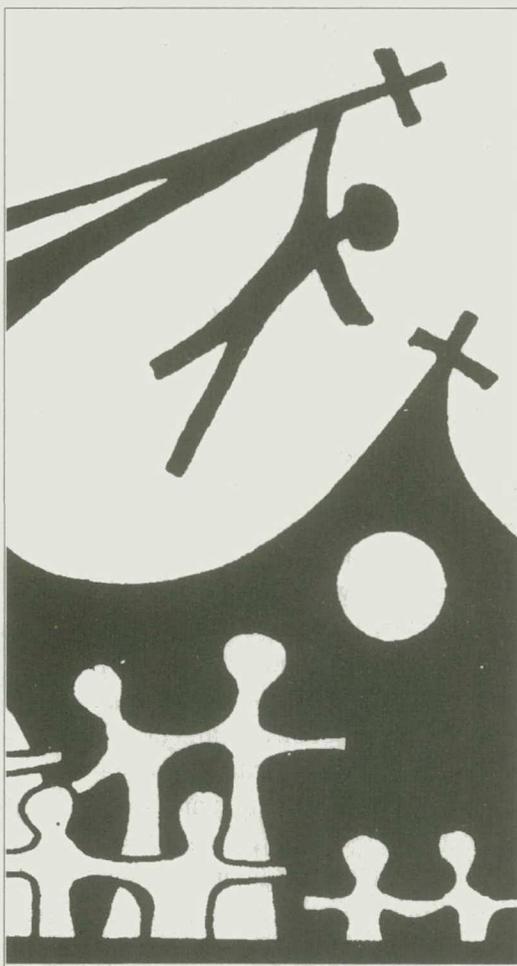
des. O cristianismo respigaria essas teorias ao elaborar sua apocalíptica para descrever a "Jerusalém celeste", como lugar da felicidade perene. Todas essas teorias, formulações e teses evidenciam a busca do homem, de todos os tempos, busca essa cujo somatório é a felicidade. Nessa formulação, de cujo centro axiológico é a ética, o homem nem sempre é bem sucedido, basta ver-se as guerras, os genocídios, as lutas de classes, as revoluções e a quase permanente ausência de paz no mundo, nas nações, nas sociedades e nas famílias.

As formulações do cristianismo

Com a instauração do cristianismo, a partir do primeiro século de nossa era, essa idéia sofre algumas alterações, com a agregação dos juízos liberdade e capacidade de decidir, que a teologia patrística chamou de "livre-arbítrio". Aos poucos, o que era tido por destino passou a ser considerado como um desígnio, do qual o homem podia escapar, pois a idéia grega do fatalismo ficava afastado. Passou-se, então, a formular uma teoria que foi chamada de "plano de Deus" ao qual o homem era suficientemente livre para aderir ou não. Embora eivado de uma realidade escatológica, esse plano é salvífico, e como tal capaz de acenar, já nesta vida, com um modelo de sociedade ideal, o Reino de Deus, cujos reflexos podem ser percebidos de forma tênue, porém reveladora.

A utopia cristã

Igual às figuras antigas, o cristianismo prega a utopia da "terra sem mal", professada pelos estóicos, pelos asiáticos, pelos indígenas pré-colombianos e resumo de "A República" de Platão. A utopia que foi tema central das literaturas rabínicas pós-exílio, explode no cristianismo quando o perfil do ungido, decalca-se fortemente sobre a figura de Jesus Cristo. Antes do enfoque místico, a profecia do desterro possui fortes cores libertárias e políticas, seja no sentido judaico seja, mais sensivelmente no cristão, de quem busca, sob a inspiração do transcendente, a libertação social e política de séculos de opressão e humilhações.



As realidades do Reino dos Céus são efetivamente uma utopia, ou seja, coisa humanamente intangível. Jesus Cristo faz-se homem para servir de *ponte* entre o divino e o humano, para humanizar o divino e divinizar o humano. A grande utopia do Reino seria inatingível se Cristo não tivesse se encarnado e nascido homem no meio dos homens. Através dele a utopia torna-se uma realidade capaz de ser obtida e vivida, a partir daqui.

A partir da encarnação do Messias, a felicidade começa a se delinear através da formatação do homem aos preceitos divinos, o que modernamente seria chamado de conversão. Enquanto os agnósticos lutam para formular teses sobre a inexistência de Deus, os que acreditam na superveniência do divino sobre o humano têm ciência que seus anelos de felicidade e perenidade se concretizam através de uma crença (os gregos chamavam de *eu-sebéia* = boa crença) que os conduzirá à meta maior.

A concretização da utopia humana começa com o conhecimento de si, para que depois ele conheça o mistério transcendente: "Que eu me conheça — pedia Santo Agostinho — e depois conheça a ti, Senhor!" Às grandes questões helenistas, o que é o ser? quem sou eu? o cristianismo responde com a equação tomista, homem igual, corpo, alma e graça.

Para os cristãos, a fé dá fundamentos à esperança de que em Cristo a utopia irá converter-se em realidade, e o impossível começa a acontecer, ainda aqui veladamente, em mistério, mas vai desabrochar com vigor no dia em que o Senhor voltar.

Antonio Mesquita Galvão é teólogo leigo, biblista, professor universitário e escritor.

Polícia, democracia e direitos humanos

Hélio Bicudo

Discurso pronunciado pelo deputado federal Hélio Bicudo na sessão da Conferência Mundial dos Direitos Humanos, promovida pela ONU, em Viena, Áustria, junho 93.

Durante a Conferência Mundial sobre os Direitos Humanos da ONU, o deputado federal Hélio Bicudo discursou representando a Câmara dos Deputados e a delegação oficial do Brasil. Bicudo abordou a questão da violência policial.

Hélio Bicudo iniciou seu discurso falando sobre a “Carta do Atlântico” — elaborada por alguns representantes de países ditos democráticos em meio à 2ª Guerra Mundial — destacando as liberdades individuais do homem, inclusive da “liberdade de não ter medo da polícia”. Apesar da democratização geral da América Latina nos anos 80, continuamos com medo da polícia na medida em que suas “atividades ameaçam o conjunto dos direitos individuais, enfim os direitos do povo”.

O parlamentar afirmou que no Brasil e na América Latina — e não só na América Latina — existe a Polícia Militar instituída pelos generais ditadores e que se transformou em “verdadeiro poder paralelo ao governo civil desde que se subordina diretamente ao Exército”. Quando a PM foi criada nos anos 60, ela foi empregada para dissuadir os que combatiam a ditadura.

Com o processo de redemocratização, as forças militares foram “direcionadas para as atividades de policiamento”. Porém, constata-se um comportamento da PM como se houvesse uma nova guerra, “agora contra os estereótipos: os negros, as prostitutas, os pobres e dentre estes as crianças e os jovens.”

Bicudo frisa que nas suas “atuações violentas, a Polícia Militar conta com a impunidade dos tribunais militares”. Assim, cria-se “um ciclo vicioso: a violência das PMs aumenta na medida em que seus crimes não são punidos”. A partir dessa conduta se explicam o massacre do Carandiru, a batalha campal contra membros do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra em Porto Alegre, Paraná, etc. O deputado está totalmente convencido de que esses fatos não teriam acontecido se os Governantes dos Estados tivessem de fato poder sobre as PMs.

Torna-se evidente o poder paralelo da PM pelos “seus serviços especiais de informação” numa violação flagrante das normas constitucionais. Quando se busca estruturar uma nova polícia democrática, verifica-se a “frustração no próprio exercício da ação parlamentar, por ameaças veladas ou explícitas!” Hélio

Bicudo fez, assim, referência às ameaças que ele mesmo vem sofrendo, oriundas de oficiais militares em represália ao seu projeto sobre a Justiça Militar. Após sua aprovação pela Câmara dos Deputados, em 19 de maio último — início também das ameaças —, o projeto está em tramitação no Senado, devendo ser votado em agosto.

O deputado acredita ser esta “uma pequena demonstração da atualidade da polícia num país de terceiro mundo”.

Em seguida, Bicudo cita vários documentos internacionais importantes fazendo a interrelação dos Direitos Humanos com a democracia. O deputado encerra seu discurso ressaltando a importância de a Conferência estudar de forma a mais aprofundada possível o “problema da violência policial no mundo”, a fim de adotar uma “recomendação essencial: que as organizações policiais devem ser subordinadas, do ponto de vista administrativo, às autoridades civis”. Assim, espera-se garantir que o processo democrático não seja debilitado na “prática das atividades policiais e de suas organizações”.

Hélio Bicudo é jurista e deputado federal (SP)

Como perceber a política positivamente

Francisco Gomes de Matos

Introdução: De Aristóteles à Ciência Política

Muito progresso tem ocorrido na complexa atividade identificada como Política, desde o século IV antes de Cristo, com o tratado de autoria de Aristóteles até nossos dias, quando é possível fazer um Mestrado em Ciência Política e estudar Teorias Políticas Clássica e Contemporânea. Para o leigo, entretanto, a política, longe de ser uma ciência, arte, ou modo de governar um Estado, continua sendo um conceito desafiadoramente misterioso, sobre o qual constrói-se um conjunto de idéias preconcebidas e estereotipadas. Pergunte-se o que vem a ser **POLÍTICA**: sua percepção positiva de **POLÍTICA**, apesar das crenças e opiniões simplistas, distorcidas a respeito dessa atividade ou profissão? Um fato muito significativo já foi destacado: o de ser possível especializar-se, aprofundar-se a respeito dessa prática universal. Quem fizer pós-graduação em Ciência Política irá estudar os processos, os princípios, a organização do governo e de

instituições políticas. Outro aspecto positivo a lembrar: como seres humanos, somos seres políticos, do mesmo modo que somos seres ecológicos, sociais, espirituais... Quem não terá usado o adjetivo político em uma expressão como “É político fazer isso”? Nesse exemplo, o significado do adjetivo é equivalente a “diplomático”.

Fazer política bem: Fazê-la para o bem

À luz de uma Pedagogia da Positividade, quem faz política bem exerce esse poder para o bem comunitário. Por isso, a principal pergunta-chave a fazer sobre o desem-

penho de políticos será: **ESTÁ OU ESTARÁ FAZENDO POLÍTICA PARA O BEM DE NOSSA COMUNIDADE (País, Estado, Município)?**

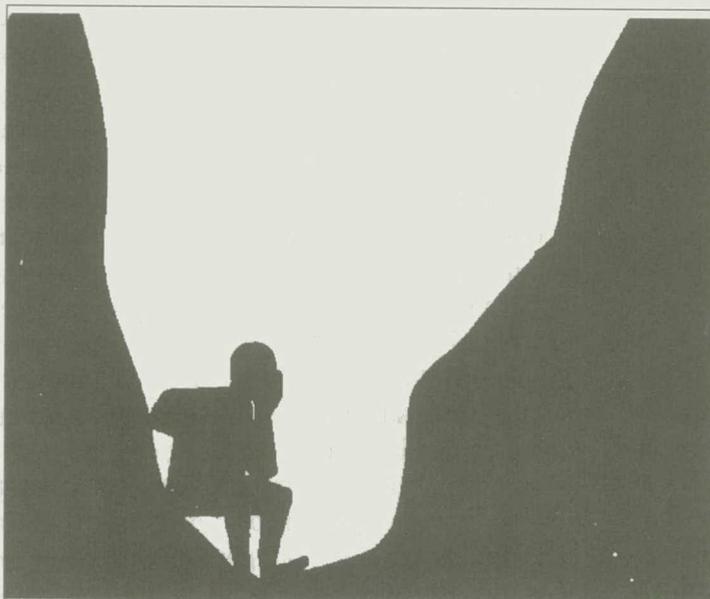
Outras indagações focalizariam aspectos mais específicos da atuação (da contribuição) dos que praticam a política. Assim, perguntar-se-ia:

1. O político projeta uma imagem de confiabilidade, de competência? Como? Que vocabulário usa para referir-se aos valores supremos nacionais? Há uma relação forte entre a positividade de suas palavras e as ações já realizadas (ou por realizar)? Até que ponto?

2. Quão esclarecedor, orientador é o discurso — o conjunto de mensagens — produzido? Compartilha, o político, com seu público, idéias, informações, planos comunitariamente relevantes?

3. Chama a atenção, com dados sérios, objetivos, para problemas **verdadeiramente** prioritários (nas diversas áreas: saúde, educação, habitação) para a maioria da população? De que modo?

4. Recorre, com eficácia e parcimônia, a slogans e frases-feitas, para causar um impacto positivo nos ouvintes ou telespectadores? (O uso de linguagem pré-fabricada por políticos é um manancial para



pesquisas por analistas do discurso político persuasivo).

5. Incentiva a reflexão, o senso crítico por parte do seu eleitorado (potencial)? Aplica uma filosofia comunicativa cristã, ao enfatizar mais o BEM DO PRÓXIMO? Opta por informar, esclarecer, iluminar, em vez de apenas persuadir?

Os estudiosos da linguagem política insistem que essa maneira de representar "a realidade" é essencialmente dicotômica e que o comunicador político pretende, habitualmente, fazer com que o seu modo de pensar e de agir seja interpretado como o BOM, o CERTO, o ADEQUADO, o EFICAZ, enquanto o de outros (adversários, oponentes) deixa a desejar. Há quem explicita os propósitos da linguagem política, dispondo-os em quatro categorias: GLORIFICAR (LOUVAR EM EXCESSO) AS PRÓPRIAS AÇÕES; DAR A IMPRESSÃO DE QUE AS PRÓPRIAS AÇÕES QUESTIONÁVEIS NÃO SÃO TÃO IMPRÓPRIAS (uma atitude de exculpar-se ou desculpar-se); DAR A IMPRESSÃO DE QUE AS AÇÕES DOS ADVERSÁRIOS SÃO PIORES DO QUE SE IMAGINA (uma atitude de aviltamento); FAZER CRER

QUE AS BOAS AÇÕES DOS OUTROS NÃO TÊM IMPORTÂNCIA (uma atitude de denegrir ou minimizar as realizações alheias)

Do ponto de vista da linguística (ciência da linguagem, da estrutura e usos das línguas), interessa identificar os tipos de associação feitos por oradores políticos ao referir-se à sua gente à sua comunidade, aos diversos sistemas (educacional, cultural, administrativo, econômico, ecológico, etc) Assim, ao ouvir (ou "processar televisivamente) políticos, fique atento(a) para estratégias associativas (o Brasil é um país gigante, de contrastes). Atento particularmente para as maneiras - às vezes sutis - de um orador político valer-se do patriotismo dos ouvintes. Descubra se esse "apelo ao patriotismo" é expresso de maneira construtiva, que fortaleça a crença nas instituições políticas como um todo.

Por uma literacia política nas escolas

Já é tempo de, paralelamente à aquisição e cultivo de uma LITE-

RACIA LINGUÍSTICA (iniciada com a ALFABETIZAÇÃO e continuada na vida escolar), de uma LITERACIA CULTURAL, CIENTÍFICA, cuidar-se da LITERACIA POLÍTICA das novas gerações, a fim de, sob uma perspectiva de POSITIVIDADE, construir-se uma percepção de POLÍTICA E DE POLÍTICOS que faça bem a quem percebe e a quem está sendo percebido. Em suma, para termos uma percepção positiva do que somos e de que modo o poder é exercido (compartilhado) entre nós, precisamos contribuir à formação cívica (POLITIKÓS, palavra grega, significa CIVISMO) de nosso povo. Uma compreensão e uma percepção comunitária mais positiva do que é POLÍTICA certamente concorrerá para uma participação de um número cada vez maior de pessoas no processo político decisório. Como cristãos, temos o dever de ajudar a fazer da política um FAZER PARA O BEM DE TODOS, em todos os níveis, do local ao mundial. ■

Dr. Francisco Gomes de Matos é professor de Linguística, Departamento de letras, UFPE, Recife e ex-professor na PUC-SP.

LIVRARIAS AVE MARIA — BRASIL

**BÍBLIA SAGRADA • LIVROS CARISMÁTICOS • NOVO TESTAMENTO . MATERIAIS RELIGIOSOS
• CATECISMO • HISTÓRIAS • TERÇOS • MEDALHAS BÍBLICA P/ CRIANÇAS E ADULTOS •
CRUCÍFIXOS • SANTINHOS C/ ORAÇÃO AGENDA BÍBLICA E AGENDA DO ESTUDANTE**

SÃO PAULO, SP - Rua Jaguaribe, 761 - CEP 01224-001 - Tels.: (011) 66-0582/8250700

SANTO ANDRÉ, SP - Rua Siqueira Campos, 339 - CEP 09020-240 - Tels.: (011) 449-6362; Fax: (011) 412-2888.

CURITIBA, PR - Av. Vicente Machado, 110 - CEP 80420-010 - Tel.: (041) 223-8916; Fax: (041) 223-8916.

BELO HORIZONTE, MG - Av. Álvares Cabral, 594 - CEP 30170-000 - Tel.: (031) 224-4599.

RECIFE, PE - Rua de Santa Cruz, 173 - CEP 50060-230 - Tel.: (081) 222-3974

BENTO GONÇALVES, RS - Av. São Roque, 1348 - CEP 95700-000 - Tel.: (054) 452-6214

GOIÂNIA, GO - Rua 27, nº 57 (St. Central) - CEP 74020-040 - Tel.: (062) 224-5414.

Morte e luto, experiência pessoal

Myrian Vallias de Oliveira Lima

Finados remete-me à análise da minha própria experiência da morte e do luto.

Da minha casa, na praça, quando ouvia o sino dobrar por Finados, corria até à igreja para assistir à encomenda do corpo e levá-lo ao cemitério. Havia a crendice, que compartilhava, de que se não fizesse isso, quando morresse ninguém acompanharia o nosso enterro... Acompanhei desde caixões revestidos de roxo, com enfeites dourados, a caixinhas de sapatos com “anjinhos” dentro e aos assustadores bangüês — lençol de saco alvejado amarrado a um pau que duas pessoas carregavam nos ombros. Ao subir a ladeira do cemitério, o morto balançava-se macabramente nessa rede improvisada. O cadáver era jogado diretamente na cova de terra e o lençol, reaproveitado.

Nos meus velórios infantis, vi mortos na mesa, vestidos com mortaldas de cetim e cobertos com véu, flores... (Ah, o cheiro de flores! Misturado ao das velas, impregnava o ar e adería às nossas narinas.) As virgens sempre eram vestidas de branco ou de azul celeste, como o manto da Virgem Maria. Os adultos, de negro ou roxo. Até hoje não consigo usar esta cor. Lembro-me dos velórios e das roupas de luto que, mesmo crianças, tínhamos de usar. Às vezes, durante um ano inteiro, quando calhava de haver mais de uma morte na família.

Quando o defunto era pobre (a maioria), era estendido em um banco comprido e estreito. Vela nas mãos cruzadas. Embira amarrando, pelos tornozelos, uma perna à outra. Lembro-me de um incidente na fazenda do meu tio. Havia morrido uma mulher da colônia dos trabalhadores e seu corpo estava

sendo velado. Aqui e ali, as mulheres rezavam um pai-nosso e uma salve-raí-nha. Os homens bebericavam pinga e contavam casos. A certa altura, o corpo de Sinhá Maria, que era uma mulher robusta, despencou do banco. O pessoal saiu apavorado pela única porta e janela. Houve gente que se machucou na correria. Foram chamar meu tio. Quando este chegou, presenciou cenas como a de um caboclo decidido que, através da janela, com uma vara de bater feijão, cotucava o corpo da pobre mulher caído ao chão e dizia: “Sinhá Maria, vancê morreu mesmo ô tá brincano?”

Meu tio constatou que a embira de bananeira que amarrava as pernas de Sinhá Maria havia-se arreventado, provocando o desequilíbrio do corpo no banco.

E as histórias de mortos, ouvidas das empregadas ao pé do fogão enquanto se “quentava fogo” nas noites frias? Eram de encher de pavor. Mortos que voltavam para cobrar ou se vingar. Aparições na porta do cemitério...

E eu tinha muito medo da morte. Tanto que todas as noites rezava pedindo a Jesus ou ao meu protetor São José que não permitissem que a morte levasse a minha mãe antes de mim. Fiz até uma barganha — que eu poderia morrer aos 33 anos, como Cristo, se ela fosse mantida viva!

Dezesseis anos ainda não completos e minha mãe morreu de leucemia em São Paulo. Não a vi morrer. Não a vi morta. Vi-me órfã e tendo de cuidar de sete irmãos menores. E a morte que tanto eu temia me pareceu irreal. Em minha fantasia de adolescente ficava aguardando a volta de minha mãe, acreditando até que papai tivesse forjado a

história de sua morte para nos poupar de uma terrível doença. Só bem mais tarde, creio que aos 19 anos, me conscientizei da morte da minha mãe e vivenciei sua perda. O jogo do faz-de-conta acabara. Com a juventude surgiu a necessidade de viver a realidade, de encarar que nossa alma imortal encerra-se em um corpo finito.

Só mesmo com a vinda da maturidade descobri que é justamente a temporalidade que nos motiva para a responsabilidade em relação à nossa existência. Percebi que a morte faz parte da vida, dá-lhe sentido. Isto coincidiu com uma revisão do meu ingênuo conhecimento religioso. O estudo da Bíblia, principalmente do Novo Testamento, foi a grande revelação, a descoberta de que para o cristão a morte não é o fim da existência. É a entrada na vida eterna. De que aquele que crê em Cristo estará para sempre com ele.

Paralelamente, a descoberta do valor positivo do sofrimento e da necessidade de expressá-lo. A descoberta de um Cristo que se comove com a morte de Lázaro e que expressa o seu pesar. A descoberta de que vivenciar o luto, através da morte de inúmeras pessoas queridas, é importante; o que não se deve entregar-se ao desespero. De que nunca perdemos quem amamos; as pessoas amadas permanecem em nossas vidas, incorporam-se à nossa história. De que quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, e que o que é mortal se revestia de imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita: “Tragada foi a morte pela vitória” (cf. 1Cor 15, 55).

Myrian Vallias de Oliveira Lima é psicóloga.

QUERIDO LEITOR

Estamos possibilitando colecionar receitas sob duas categorias energéticas: mais e menos calóricas. Para compreender melhor devemos conhecer os significados dos termos: *caloria*, que é a unidade de energia contida no alimento — nosso combustível e metabolismo, a queima dessa mes-

ma caloria. Quanto maior a quantidade de caloria assimilada pelo corpo, maior a quantidade de energia armazenada. Para perder peso deve-se ingerir menos calorias e aumentar a atividade. Por outro lado, comer menos calorias não quer dizer comer mal, ou pouco.



RECEITAS COM MAIS CALORIAS

Novembro (especialidade do mês: tortas e omeletes)

ENTRADA

Omelete de ervilhas (2 a 4 porções)

INGREDIENTES

1 lata de ervilhas escorridas
1 xícara com pedacinhos de pães fritos
1 colher / sopa de queijo ralado
4 ovos
1 colher / sopa de leite frio
manteiga para untar a frigideira

MODO DE PREPARAR

1. Misture as ervilhas, com os pães fritos e o queijo ralado; tempere com sal a gosto.
2. Bata os ovos inteiros com o leite, junte a mistura de ervilhas e pão.
3. Aqueça a frigideira untada com manteiga e despeje a mistura para a omelete. Arrume a superfície com uma espátula.
4. Quando estiver frito o outro lado mexa a frigideira um pouco para ver se está solta. Coloque um prato sobre a frigideira, vire-a para a omelete cair nele, coloque a omelete de volta à frigideira deixando a parte cozida para cima.
5. Uma vez pronta corte-a em 4 pedaços e sirva quente ou fria.

PRATO PRINCIPAL

Torta de legumes ao forno (6 a 8 porções)

INGREDIENTES

1kg. de batatas
1 maço de espinafre
3 ovos
50g de manteiga
1/4 xícara / chá de leite
2 dentes de alho picadinhos
1 colher sopa de salsinha picada
100g. de presunto picado em cubinhos
1/2 xícara chá de queijo ralado
sal a gosto
pitada de noz-moscada ralada

MODO DE PREPARAR

1. Descasque as batatas e cozinhe-as em água ao ponto de purê.
2. Lave o espinafre e cozinhe-o em água (pouca água).
3. Faça um purê com as batatas, agregue a manteiga, a salsinha picada, a noz-moscada e o leite quente; misture bem até fazer uma pasta. Tempere com sal.
4. Pique o espinafre bem fininho, e coloque-o numa frigideira com um pouco de manteiga, junte o presunto e o alho, tempere com sal e queijo ralado.
5. Unte uma forma retangular com manteiga e um pouco de pão ralado, e vai colocando alternadamente o purê de batatas, espinafre, etc. Finalizando com purê de batatas; polvilhe com queijo ralado, e coloque pedaços de manteiga.
6. Leve ao forno para dourar.

SOBREMESA

Souflé de maçãs (4 porções)

INGREDIENTES

2 maçãs grandes descascadas e picadas
3 ovos
1 xícara de leite
1 colher sopa de maisena
1 colher sopa de manteiga
3 colheres sopa de açúcar
canela em pó

MODO DE PREPARAR

1. Cozinhe as maçãs em pouquíssima água, escorra e guarde o líquido. Bata as maçãs no liquidificador e passe pela peneira.
2. Cozinhe o leite com o açúcar, a manteiga e a maisena dissolvida no caldo do cozimento das maçãs. Cozinhe por 3 minutos.
3. Bata as claras em neve, junte as gemas e a canela e vai agregando o leite aos poucos. Pare de bater e com uma colher de pau junte as maçãs e mexa até

ficar bem homogêneo.

4. Unte um refratário quadrado. Despeje nele o soufflé de

maças e leve ao forno baixo por 7 a 8 minutos. Retire do forno e deixe esfriar. Sirva-o frio.

RECEITAS COM MENOS CALORIAS

ENTRADA

Omelete de salsa e cebolinha (2 porções)

INGREDIENTES

3 ovos
2 colheres sopa de salsa picada
2 colheres sopa de cebolinha picada
sal a gosto

MODO DE PREPARAR

1. Bata os ovos por 5 minutos. Junte a salsa e a cebolinha, tempere com sal.
2. Aqueça umas gotas de óleo numa frigideira antiaderente e despeje nela a omelete. Cozinhe 3 minutos por cada lado.
3. Sirva em seguida.

PRATO PRINCIPAL

Torta de frango e legumes de liquidificador (4 a 6 porções)

INGREDIENTES

MASSA:

1 xícara / chá de leite desnatado
1/2 xícara de óleo
3 ovos
1 1/2 xícara / chá de farinha de trigo
1 colher / sopa de fermento químico (pó)
sal a gosto

RECHEIO

2 xícaras e meia de peito de frango cozido e picado em cubinhos
1 lata de ervilhas
2 tomates descascados e sem sementes picados
2 cenouras (médias) cozidas e picadas em cubinhos
3 colheres / sopa de cebola picadinha
1 xícara de palmito picadinho

MODO DE PREPARAR

1. Prepare a massa no copo do liquidificador: coloque o leite, o óleo, os ovos e bata em velocidade alta até misturar bem.
2. Sem parar de bater, só que na velocidade média, vai juntando a farinha de trigo aos poucos, até fazer uma massa mole.

3. Junte o fermento e sal a gosto. Bata mais um pouco.

RECHEIO

1. Numa tigela junte todos os ingredientes e misture bem.
2. Unte uma forma (25x35) e coloque nela a metade da massa.
3. Espalhe o recheio por cima, de maneira uniforme e cubra com o restante da massa.
4. Leve ao forno(médio) pré-aquecido até dourar. Uma vez pronta, tire do forno e deixe descansar.
5. Corte em quadrados. Pode-se comer quente ou fria.

SOBREMESA

Musse de limão (4 porções)

INGREDIENTES

2 ovos
2 colheres sopa de farinha de trigo peneirada
3 colheres sopa de açúcar
3 colheres sopa de suco de limão
1 colher chá de casca de limão ralada
1 colher sopa de açúcar cristal para polvilhar
Manteiga para untar

MODO DE FAZER

1. Pré-aqueça o forno em temperatura média.
2. Bata as gemas até ficar claras e fofas. Junte a farinha e misture bem.
3. Noutra tigela bata as claras em neve, junte o açúcar e continue batendo até fazer um suspiro firme, junte o suco de limão e casca ralada e misture bem.
4. Ponha metade desta mistura na tigela, onde está a mistura de gemas, mexa delicadamente para não perder volume.
5. Junte o restante das claras e mexa sem bater.
6. Ponha em 4 forminhas de suflê (untadas) formando montinhos, polvilhe com o açúcar cristal.
7. Leve ao forno por cerca de 20 minutos. Retire do forno e sirva, imediatamente.

A mensagem fatal na garrafa

O álcool envenenou minha mãe, corpo e alma

Este artigo apareceu no jornal WASHINGTON POST no dia 26 de abril, 1993

Escrito por Cynthia Gorney, traduzido por Donald Lazo.

(Parte Final)

No hospital, quando chegamos, ela vestia um remendo no olho, mas no segundo dia as enfermeiras o removeram e vimos um olho que parecia haver explodido por dentro.

Pelo jeito, não doía, mas uma teia de aranha de sangue se estendia pelo globo ocular e era difícil olhar para o rosto dela sem fitar o olho vermelho. Sua barriga, onde os fluidos aumentavam, estava inchada. Sua pele, macia e verde, cobria solta os ossos. Quando passei a mão na sua cabeça, seus cabelos me pareciam lustrosos e pretos, e lembro ter pensado que esta era a única parte dela que parecia sustentar vida, os cabelos no topo de sua cabeça!

O médico era um residente que aparentava ser desesperadamente jovem, com sua cara séria e os seus círculos debaixo dos olhos. Levou-nos a um quarto pequeno e nos explicou que o álcool havia tornado o fígado de nossa mãe em algo parecido a um pedaço de couro. Disseram que os fígados são notavelmente elásticos e que algumas pessoas são capazes de sobreviver com apenas uma fração do fígado, e que se eles tivessem podido tratar minha mãe antes, os médicos talvez tivessem conseguido salvá-la, mas que

agora seu fígado havia parado de funcionar e isto estava obstruindo seus rins e causando peritonite, colapso sistêmico, exaustão cardíaca e vários outros detalhes médicos difíceis de compreender. O residente nos disse que demoraria alguns dias, talvez um pouco mais, para ela morrer, e que se pudéssemos fazê-lo, talvez desejaríamos aproveitar esta oportunidade para dizer adeus da maneira que achássemos mais apropriada. Quando ele saiu da sala, meus irmãos e eu fizemos um círculo com os braços nos ombros uns dos outros e nossas cabeças juntas, como um tripé. Assim havíamos feito no programa do centro de tratamento, que foi a única outra vez desde que havíamos crescido que tinha visto meus irmãos chorar.

Chamamos o sacerdote, um homem de cabelo preto e curto e com um aperto de mão forte. Ele nos contou que ele mesmo era um alcoólatra em recuperação e me escutou, sem falar, quando eu disse que não compreendia, aliás nunca tinha compreendido, porque ela jamais havia conseguido pedir ajuda. Ela entrou no centro de tratamento porque estava alucinando, e tão logo parou de alucinar, ergueu aquela "muralha de vidro" de novo e nunca mais conseguimos penetrá-la, eu

disse ao padre, e o padre me respondeu, "Eu sei. É assim que o alcoolismo funciona. A doença nos impede de pôr nome à doença. Você está tão profundamente envolvido nela que não dá para pegar o telefone e pronunciar as palavras 'Ajudem-me'. O padre nos contou ter estado numa festa, na época em que ele bebia, e ter visto um membro de Alcoólicos Anônimos do outro lado da sala — e o padre continuou ali, ele nos contou, sabendo que estava doente, sabendo que este homem tinha a solução que podia salvá-lo, mas incapaz de atravessar a sala e falar-lhe. "Essa é a doença", disse o padre. "Não consegui fazê-lo".

Essa tarde mudamos minha mãe para o hospício, onde vão os pacientes para morrer.

Tem muito mais que poderia contar-lhe. Uma parte tem a ver com as passagens que todos temos pela frente, segundo eu entendo, o último soltar da mão que está cansada demais para dar mais um aperto, e parte tem a ver com o som da respiração da pessoa cujo fígado se assemelha a um pedaço de couro. Nos corredores do hospital era possível ouvir a respiração de minha mãe a uma distância de dois quartos; quando ela inalava, ouvia-se um pequeno gemido, e quando exala-

va, um gemido mais alto. Era necessário andar alguma distância pelo corredor, passando a ala da encologia, para afastar o som das respirações. No fim do corredor havia uma sala com uma janela sem cortina e uma vista ampla que dava para o lago, e é lá que eu estava quando chegou a enfermeira para me dizer que eu precisava ir para o quarto de minha mãe. Quando coloquei sua mão no meu cotovelo para me firmar, eu sabia que mamãe havia falecido, e lhes estou contando isto porque ninguém contou para mim que o álcool a estava matando, não da maneira triste, metafórica que os filhos de alcoólatras contam nas reuniões de Neuróticos Anônimos, mas precisamente e literalmente, de maneira a descrever os últimos três dias de sua vida, quando sua pele virou verde e seu olho sangrento e fazia um barulho horrível toda vez que respirava.

Quero que outros saibam isto. Quero imaginar que num lar, em algum lugar, há um homem ou mulher que não conhece, não conhece mesmo, e que poderá ler sobre minha mãe e dizer 'Agora conheço'. Minha mãe teria se enforcado comigo por envergonhá-la publicamente, pois ela o teria entendido dessa maneira. Era uma mulher orgulhosa, e creio que ela morreu assustada e envergonhada demais para dizer, em voz alta, o nome da enfermidade que a matou. Eu repito por ela agora: Alcoolismo. Cirrose do fígado induzido por alcoolismo. Peritonite induzido por alcoolismo, seguida por uma parada cardíaca. Se uma única pessoa ler estas palavras e pegar o telefone para pedir ajuda, minha traição teria valido a pena. ■

Donald Lazo é Sociólogo pela Universidade de Yale (EUA). Diretor da Comunidade de Terapêutica da Chácara Reindal.

Vigiai, o libertador vem como redentor



1º dom. do advento (Ano B)
29/11/93

1ª leitura: Is 63, 16ab-17.19b.

Este trecho é uma oração muito comovente, é um misto de lamentação, de súplica ardente e de ato penitência. O apelo à paternidade divina cria um tom ítimo e familiar e permite que o autor, para expressar os sentimentos de dor e angústia ante o prolongamento da triste situação, faça interrogações e exclamações a Deus. Deus é Pai e só dele pode vir a salvação.

2ª leitura: 1Cor 1, 3-9

Paulo passa a render graças a Deus benefícios concedidos à comunidade cristã de Corinto por intermédio de Cristo. A fidelidade divina é fator de salvação no dia do retorno glorioso de Cristo. Paulo faz alusão ao juízo final e à vitória dos bons. O dom de Deus é para o fiel, fonte de segurança, esperança isto é, da

certeza de que Deus o sustentará na expectativa da manifestação definitiva de Cristo.

Evangelho: Mc 13, 33-37

Marcos nos mostra que o discurso de Jesus já não se dirige somente aos discípulos, mas a todos os cristãos. O cristão que vive na espera do Senhor, que age nos acontecimentos, deve assumir as próprias responsabilidades. Esta parábola é aplicada à segunda vinda do Senhor, que vai completar a obra iniciada por ocasião da primeira.

Comentário

Com o primeiro domingo do Advento iniciamos mais um ano litúrgico. Mais um Natal que nos é dado a celebrar. Para celebrá-lo somos convidados, através das celebrações litúrgicas deste período, a uma preparação séria, fecunda e renovada. A certeza da vinda do Filho do Homem ou a volta de Jesus libertador no fim do mundo e a incerteza quanto ao tempo da mesma colocam o cristão em vigilância atuante e fecunda, cheia de manifestações históricas e concretas desta libertação, deste Reino, do qual ele tanto falou e foi sua inauguração entre nós. A vontade do Pai e o seu Reino é a intenção fundamental de Jesus. A vontade do Pai é o bem do homem e este Reino apresenta um caráter de totalidade, de universalidade. É um projeto de total libertação de tudo o que oprime, aliena, diminui, nega o homem. O reino de Deus apresenta-se como uma proposição de um projeto de total libertação. Este projeto de total libertação que Jesus apresenta como fundamental em sua pregação e maneira de ser, por ele chamado Reino de Deus, é algo utópico, escatológico, de futuro, é dom, é obra do Pai. É obra e fruto da luta e esforço dos cristãos conscientes e

de todos os homens de boa vontade. Viver o Advento, celebrar o Natal é alimentar este espírito, é reavivar esta inspiração, é reacender este princípio de esperança. Temos de ver qual é nosso compromisso com este Cristo que vem. Nosso compromisso é com a comunidade, é nossa participação na oração comum, na Eucaristia, na catequese. Estes compromissos são para nós não uma, mas muitas vindas de Cristo. Presenciamos sua vinda em nossos irmãos que se abrem à fé; vem a nós dando força e sabedoria; vem em nossa oração dando-nos a certeza íntima de sua presença. O Reino de Deus se concretiza no momento histórico como exigência de compromisso do ser cristão. O Reino de Deus clama mais solidariedade, participação, disponibilidade, amor. Se implantarmos o Reino de Deus aqui e agora, teremos mais vida feliz, alegria, amor, união: reinará entre nós a paz.

LEITURAS PARA OS DIAS DA SEMANA:

Dia 29 - Segunda-f.: Is 2, 1-5 - A paz messiânica: Caminhemos à luz do Senhor; Sl 121, 1-2.3.4a.8-9; Mt 8,5-11 - Os pagãos, estrangeiros, entrarão no Reino!

Dia 30 - Terça-f.: Rm 10, 9-18; Sl 18, 1-3.4-5; Mt 4, 18-22

Dia 01 - Quarta-f.: Is 25, 6-10a - Banquete ou festim messiânico: O Senhor banirá a morte e o sofrimento; Sl 22, 1-3a.3b-4.5.6; Mt 15, 29-37 - Jesus cura e alimenta o povo.

Dia 02 - Quinta-f.: Is 26, 1-6 - Cântico do povo libertado, povo justo e confiante em Deus; Sl 117 e 8-9.19-21.25-27a; Mt 7, 21.24-27 - Fazer a vontade do pai celeste.

Dia 03 - Sexta-f.: Is 29, 17-24 - Os tempos messiânicos: Os cegos enxergam!; Sl 26, 1.4.13-14; Mt 9, 27-31 - Jesus cura dois cegos.

Dia 04 - Sábado: Is 30, 19-21.23-26 - Ao teu pedido, o Senhor terá piedade; Sl 146, 1-2.3-4.5-6; Mt 9, 35-10, 1.6-8 - Jesus sente dó do rebanho, do povo que sofre.

Voltemos nosso coração para Deus



2º domingo do advento
05/12/93

1ª leitura: Is 40, 1-5.9-11

O profeta, em meio ao exílio da Babilônia, anuncia a boa-notícia: chegou a hora da libertação. O tempo da escravidão, fruto do pecado, terminou e Deus vai conduzir seu povo à nova Terra (vv. 1-2). Evocam-se os prodígios do Êxodo com penhor da proteção divina (v. 3). Como outrora, Deus virá salvar seu povo. Diferentemente do antigo êxodo agora todos os povos verão a glória de Deus que perdoa, liberta e conduz o povo para a vida (v. 5). O profeta corre anunciar, a Jerusalém e às cidades de Judá, que

MISSIONÁRIO CLARETIANO



Ser Missionário é ...

viver a alegria da doação total.

Jovem,

você que está em busca de um mundo melhor, mais justo, onde todos se sintam bem, venha partilhar a aventura de ser Missionário Claretiano.

Os trabalhos são diversos:

- Missão
- Serviço Paroquial
- Educação
- Meios de Comunicação Social

Solicite informações:

SECRETARIADO VOCACIONAL

Cx. P. 6226 - São Paulo, SP - CEP 01 064-970 — Cx. P. 136 - Rio Claro, SP - CEP 13 500-970 — Cx. P. 45 - Batatais, SP - CEP 14 300-970 — Cx. P. 115 - Pouso Alegre, MG - CEP 37 550-970

“Javé está chegando” (v. 9). E Deus chega qual pator que cuidadosamente apascenta seu rebanho (v. 11).

2ª leitura: 2Pd 3, 8-14.

Esta leitura de epístola do apóstolo Pedro inicia com as palavras do Salmo 90: “Para o Senhor um dia é como mil anos, e mil anos como um dia”. O conteúdo da mensagem de Pedro visa responder ao atraso da vinda de Cristo. A parusia já tardava e o povo se inquietava. Esta manifestação não tem dia marcado, virá como um ladrão: é a expectativa do advento. Esta esperança não é passiva, mas deve levar a uma santificação, obra do esforço pessoal em corresponder às incontáveis graças divinas. A demora da vinda de Cristo, para o apóstolo, tem uma justificativa: Deus quer dar mais uma chance, para que todos se convertam.

Evangelho: Mc 1, 1-8

Marcos inicia o Evangelho (boanotícia), anunciando Jesus Cristo: Filho de Deus. Evoca o texto do profeta Isaías (40, 3) que proclama a preparação dos caminhos do Senhor. João Batista, o último dos profetas, anuncia a chegada do Messias conclamando o povo a um batismo de conversão e remissão dos pecados (v. 4). Afluía grande número de pessoas que se faziam batizar e confessavam seus pecados (v. 5). João Batista habitava o deserto, que é o símbolo da situação estéril do homem antes de Jesus. Ele prepara a vinda definitiva da libertação e da Aliança. Define-se como servo de Cristo, não sendo digno de desatar a correia das sandálias. (v. 7). O batismo de João é com água, mas o de Jesus é no Espírito, ou seja, libertação do homem, introduzindo-o na vida definitiva (v. 8).

Comentário

Na liturgia de hoje vemos que João Batista prega a conversão. É a atitude necessária para o encontro sincero com o Senhor. A esperança cristã não é um aguardar passivo, desejando que “as coisas” aconteçam de modo prodigioso em nossas vidas, mas, ao contrário, consiste em empenhar-se de modo ativo e comprometedor na construção do mundo novo, onde a lei suprema é o amor, na vivência da justiça, da paz e da fraternidade.

Tempo de advento é tempo de conversão. Não pensemos que conversão é tornar-se batizado (isto pode ser início de novo caminho) ou mudar para a “nossa” religião... Conversão é conquista na luta diária em tornar a nossa vida mais semelhante à do Cristo. É fazer com que os sacramentos não sejam simplesmente momentos isolados em nossa religião, mas sinais da presença de Cristo em meio à comunidade, que nos fortalecem na caminhada solidária para a construção dum mundo novo. Conversão é esperança de que o bem triunfará sobre o mal. É entrar na dinâmica misericordiosa da graça de Deus. Estamos dispostos à conversão?

LEITURA PARA OS DIAS DA SEMANA:

Dia 6 - Sexta-f.: Is 35, 1-10 - Deus vem trazer alegria ao seu povo; Sl 84, 9ab-10.11-12.13-14; Lc 5, 17-26 - Jesus cura e perdoa um paralítico.

Dia 7 - Terça-f.: Is 40, 1-11 - Mensagem de consolação aos exilados; Sl 95, 1-2.3 e 10ac.11-12.13; Mt 18, 12-14 - Deus à procura da ovelha perdida.

Dia 8 - Quarta-f.: Gn 3, 9-15.20; Sl 97, 1.2-3ab.2bc-4; Ef 1, 3-6.11-12;

Ef 1, 3-6.11-12; Lc 1, 26-38.

Dia 9 - Quinta-f.: Is 41, 13-20 - Não temas: Eu venho em teu auxílio; Sl 144, 1 e 9.10-11.12-13ab; Mt 11, 11-15 - João Batista é o precursor, o novo profeta Elias.

Dia 10 - Sexta-f.: Is 48, 17-19 - Ouvir e obedecer a Deus traz a felicidade; Sl 1, 1-2.3.4 e 6; Mt 11, 16-19 - Descanso pela Palavra de Deus;

Dia 11 - Sábado: Eclo 48, 1-4.9-11 - O profeta Elias voltará; Sl 79, 2ac e 3b.15-16.18-19; Mt 17, 10-13 - O profeta Elias já chegou!

**Alegremo-nos:
Ele está em
nosso meio**



3º domingo do advento

12/12/93

1ª leitura: Is 61, 1-2a.10-11.

A leitura de Isaías proclama a presença do Espírito do Senhor Javé sobre o profeta (v. 1). Por meio desta presença Isaías é levado a anunciar a boa-nova aos pobres (preferidos do Senhor). A consa-

gração no Espírito de Javé se dá através do batismo: todos somos consagrados e por isso temos a missão de levar a mensagem cristã aos povos. Esta mensagem tem um conteúdo de libertação e paz para o povo. A presença de Deus em meio a seu povo restaura a vida dos que sofrem e realiza a justiça. Este anúncio foi reconhecido, mais tarde, pela comunidade primitiva como referente à missão de Jesus Cristo. É Ele quem liberta os cativos, proclama a graça de Deus, consola os enlutados, cura os doentes. Por fim, canta-se e rejubila-se no poder de Javé, confiante que é dEle que virá a justiça.

2ª leitura: 1Tes 5, 16-24

É mensagem de alegria que o apóstolo Paulo vem nos dar nesta leitura (v. 16). O conselho da "oração incessante" (v. 17) exerceu grande influência na espiritualidade cristã. O apóstolo nos convida à ação de graças, pois temos muito a agradecer por tudo aquilo que Deus operou através de seu Filho Jesus, principalmente o dom da redenção (v. 18). O dom do Espírito é uma característica do tempo messiânico, e o discernimento do que ele inspira é um de seus dons (v. 19). Recomenda o respeito às profecias (v. 20). No vers. 21 encontramos o princípio importante para a moral paulina, o discernimento, como ato central da vida moral. É ato uno, complexo e comunitário, exercido numa situação concreta e no encontro com o outro visando a edificação dos irmãos. Evitar o mal é condição humana, plenificada e testemunhada pelo exemplo de Jesus Cristo (v. 22). A santidade e a paz são requisitos necessários para o dia da vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo (v. 23).

Evangelho: Jo 1, 6-8.19-28

ASSINANTE EM FESTA



Em Poa, RS **Hercília Vieira da Silva** comemorou seus 91 anos no dia 14 de agosto passado. É leitora da revista Ave

Maria a mais de 80 anos, seus pais eram assinantes e quando eles faleceram D. Hercília assumiu a continuação da assinatura.

Em Além Paraíba, MG **Carmem Corrêa Pinto Ferreira** comemorou dia 8 de setembro 80 anos e mais de 50 é assinante desta revista. A ela nossas orações e muitos anos de vida ainda.

Em Itajuba, MG **Eunice Mavotti Ribeiro** comemorou seus 40 anos de vida aos 18/6/93.

Na paz do Senhor



Em Salto, SP **Elzira Adriana a Barnabé Rossigmatti** aos 17/08/93 com 83 anos de idade e 50 anos assinante da revista Ave Maria.



Em Prados, MG **João Ferreira** aos 18/11/92 com 53 anos. Era assinante benfeitor da revista durante muitos anos.

Em Sacramento, MG **Delphina Borges.**

Em Bambuí, MG **Terezinha Dornelles Lopes** aos 8/11/92 com 67 anos de idade e 45 anos assinante desta revista.

Em Borda da Mata, MG **Benedita de Oliveira Saber** aos 10-07-93 com 92 anos de idade. Foi 50 anos assinante da Revista AM.

"Senhor, o nosso coração está inquieto..."



Santo Agostinho

JOVEM VOCÊ ESTÁ INQUIETO(A)?

Você teria coragem de dedicar sua vida ao serviço do Reino de Deus?



Agostinianos(as)

UMA COMUNIDADE DE IRMÃOS(ÃS) E DE AMIGOS(AS) EM BUSCA DE NOVAS FRONTEIRAS

- . Paróquias, Colégios
- . CEBs
- . Missão
- . Assistência e Promoção Humana
- . Grupos de Solidariedade

Irmãs Agostinianas

. Secretariado Vocacional
Rua Engenheiro Figueiredo, 31 - 04012-150 - São Paulo - SP - Tel. (011) 571-8959

. Secretariado Vocacional
Caixa Postal 10068 - 74055-150 - Goiânia - GO
Tel. (062) 223-1328
Freis Agostinianos

. Seminário Santo Agostinho
Caixa Postal 62
12900-000 - Bragança Paulista - SP
Tel: (011) 404-1771

. Secretariado Vocacional
Rua Bernardo Guimarães, 2700 - Santo Agostinho
30140-082 - Belo Horizonte - MG - Tel. (031) 335-3748

Novamente João Batista está presente neste tempo do Advento. Vem dar testemunho da luz, para que todos creiam por meio dele (v. 7). Seu testemunho é verdadeiro e diante das autoridades religiosas judaicas, confessa que não é o Cristo (v. 20), nem Elias (v. 21), nem profeta (v. 22), mas a voz que clama no deserto: aplanai os caminhos do Senhor (v. 23). As pessoas que o interrogavam, haviam sido enviadas pelos fariseus (v. 24). João explica-lhes que seu batismo é com água (v. 26), mas que já está no meio deles o Messias, que eles não conhecem. O acontecimento se deu em Betânia, o outro lado do Jordão (v. 28), fora da terra prometida. Ao ser batizado, Jesus passará à terra prometida, onde desenvolverá seu mistério.

Comentário

O terceiro domingo do Advento é chamado o domingo da alegria cristã: "Gaudete". Infelizmente nós, os cristãos, não manifestamos ao mundo esta alegria revelada no mistério pascal. Parece que ficamos na contemplação da dor, e assim somos chamados de "sexta-feira", assumindo mais a dor e a tristeza do que a alegria da Ressurreição. Na liturgia de hoje recebemos a missão de levar a Boa-Nova de Jesus. Assim fez o profeta Isaías, anunciando ao povo a vinda do libertador. O apóstolo Paulo reforça o convite à alegria cristã. João Batista anuncia a luz - Jesus, o "sol" da humanidade. O que falta para nós, cristãos, sermos reflexos e portadores da luz e da alegria cristã?

LEITURAS PARA OS DIAS DA SEMANA:

Dia 13 - Segunda-f.: Nm 24, 1-7.15-17a - Um astro sai de Jacó, um cetro se levanta; Sl 24, 4bc-5ab.6-

7bc.8-9; Mt 21, 23-27 - Donde vinha o batismo de João;

Dia 14 - Terça-f.: Sf 3, 1-2.9-13 - Povo humilde, confiante e fiel ao Senhor; Sl 33, 2-3.6-7.17-18.19 e 23; Mt 21, 28-32 - Resistência em aceitar o novo reino de Deus.

Dia 15 - Quarta-f.: Is 45, 6b-8.18.21b-25 - Do céu venha o Orvalho, a felicidade para esta terra; Sl 84, 9ab-10.11-12.13-14.

Dia 16 - Quinta-f.: Is 54, 1-10; Sl 29, 2 e 4.5-6.11-12a e 13b; Lc 7, 24-30.

Dia 17 - Sexta-f.: Gn 49, 2.8-10 - Virá Aquele a quem pertence o cetro; Sl 71, 2-3-4ab.7-8.17; Mt 1, 1-17 - Árvore genealógica de Jesus Cristo.

Dia 18 - Sábado: Jr 23, 5-8 - De Davi surgirá um rebento novo, o Salvador; Sl 71, 2.12-13.18-19; Mt 1, 18-24 - Jesus vai nascer na descendência de Davi.

1ª leit.: 2Sm 7, 1-5.8b-12.14a-16 Davi pensa que, se o rei tem uma casa, com mais razão teria Deus a sua casa. Deus pensa de outra forma e faz a Davi, por meio do profeta Natã, que é Ele quem construirá uma casa [para Davi, o que significa uma família, o povo de Israel.

2ª leitura: Rm 16, 25-27

Paulo louva a Deus por revelar o mistério de seu plano de salvação visando a conduzir os homens todos à obediência da fé.

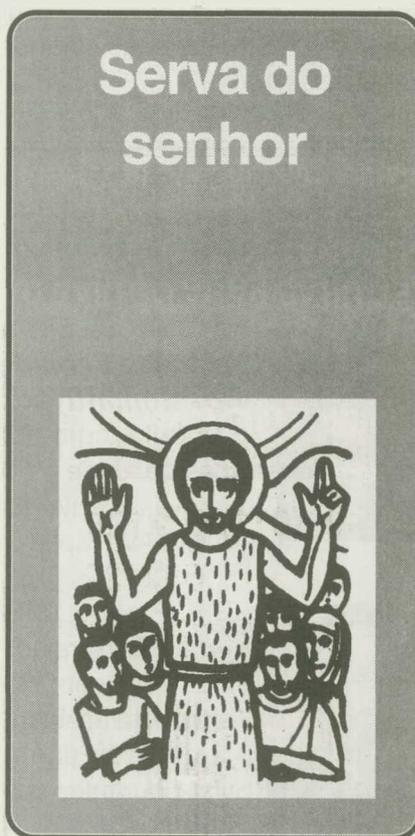
Evangelho:

Lc 1, 26-38

O anjo Gabriel anuncia, em Nazaré da Galiléia, que Maria, a virgem noiva de José, dará à luz a Jesus, que "será chamado Filho de Deus", por obra do Espírito Santo. Maria, que se pertuba num primeiro momento, encorajada pelas palavras do anjo e pela força de Deus, sujeita-se plena e humildemente à vontade de Deus.

Comentário:

Mais importante do que construir uma casa para Deus é conformar nossas ações à sua vontade salvífica. De que adiante, por exemplo, construir gigantescas igrejas para Deus, se não empenharmos em viver segundo a sua Palavra? De nada vale desembolsarmos vultosas somas de dinheiro em esmola, se nos demonstrarmos cotidianamente insensíveis como pobre que carece de pão, moradia e de atenção. Davi recebe a promessa da permanência secular de sua linhagem. O anjo Gabriel anuncia que essa promessa será cumprida: Jesus, o filho da virgem pobre, ocupará o trono de seu pai Davi. Será o Rei dos Reis. Virá para instituir o verdadeiro reinado que é o Reino de Deus. Na sua trajetória salvífica,



4º domingo do advento
19/12/93

Deus quis que seu Filho nascesse de uma virgem de Nazaré de nome Maria. A jovem senhorita, de estu- penda fé, aceitou com humildade a proposta de Deus feita por meio do anjo. Disse um "sim" corajoso e confiante na Palavra de Deus. Este "sim" como que inaugura a História da Salvação da humanidade. Os contemporâneos de Maria não estavam convencidos de que fosse forma a vinda do Messias prometido. Mas, como diz um ditado popular, "Deus escreve certo por linhas tortas"; Deus possui critérios diversos dos nossos, incompreensíveis até mesmo para nós, exceto pela fé. Para Deus, nada é impossível. Ao "não" de Eva corresponde o "sim" de Maria, primeiro passo para a vinda de Jesus. O Natal nos lembra que Jesus veio trazer a salvação, com a finalidade de que nos amemos uns aos outros, como amigos e como irmãos que, lado a lado, buscam a paz vivenciando o amro.

Maria estava noiva de José e, após o anúncio do anjo, ela se casou com ele. Foi sua legítima esposa e verdadeira mãe do Filho de Deus. Muitos insistem na virgindade de Maria como uma beleza que se fecha em si mesma, porém, sua virgindade é, mais profundamente, a base de uma nova relação homem-mulher, marcada pelo amor, amizade e igualdade. Se ainda hoje em nossa sociedade impera o machismo na relação homem-mulher, isso ocorre porque de novas relações. Maria virgem, mãe e esposa, dá sentido à luta da mulher cristã na busca de sua libertação; libertação essa que concerne também ao homem, estabelecedor de uma relação falsa e de domínio sobre a mulher.

No seu amor virginal, Maira unificou todas as dimensões da mulher, esposa e mãe, viven-

do-a de maneira divinamente livre.

LEITURAS PARA OS DIAS DA SEMANA:

Dia 20 - Segunda-f.: Is 7,10-14 - Profecia do "Deus Conosco" - "Emanuel"; Sl 23, 1-2.3-4ab.5-6; Lc 1, 26-38 - O Messias será filho de Maria.

Dia 21 - Terça-f.: Ct 2, 2-14 ou Sf 3, 14-18a - ; Sl 32, 2-3.11-12.20-21; Lc 1, 39-45 - Maria visita Isabel.

Dia 22 - Quarta-f.: 1Sm 1, 24-38 - ; Cântico: 1Sm 2, 1.4-5.6-7; Lc 1, 46-56.

Dia 23 - Quinta-f.: Mt 3, 1-4.23-24 - Elias pregará a vinda do Senhor; Sl 24, 4bc-5ab.8-9.10 e 14; Lc 1, 57-66 - Nascimento de João Batista.

Dia 24 - Sexta-f.: 2Sm 7, 1-5, 8b-12.14a.16 - Deus construirá a casa de Davi; Sl 88, 2-3.4-5.27 e 29; Lc 1, 67-79 - Cântico de Zacarias - "Benedíctus".

Dia 25 - Sábado: Is 9, 1-6 - Um menino nasceu para nós, o Príncipe da paz; Sl 95, 1-2a.2b-3.11-12.13; Tt 2, 11-14; Lc 2, 1-14 - Hoje vos nasceu o Salvador.

LIGUE
A COBRAR

9 (011) 662128
662129

E
FAÇA A
ASSINATURA
DA REVISTA
AVE MARIA

CUPOM DE ASSINATURAS

• Se preferir, e morar fora da cidade de São Paulo, ligue a cobrar:

Telex: 9 (011) 66-2128 ou 9 (011) 66-2129

Obs.: Se você quiser dar uma assinatura de presente a alguém, termos o maior prazer em escrever ao novo assinante, revelando quem foi a pessoa que gentilmente deu o presente. Se é este o seu desejo, basta preencher os dados abaixo, destacar e remeter para a revista Ave Maria.

Assinatura anual: CR\$ 1.200,00

Sr. Diretor

Escrevo para lhe dizer que estou mandando de presente uma ASSINATURA da revista Ave Maria para:

Nome:
End.:
Nº Bairro Cidade
CEP Est.:
Assinatura:

REVISTA AVE MARIA

Escolha uma das modalidades abaixo, assinale com (X), preencha com clareza e remeta este CUPOM para:

Revista AVE MARIA - Rua Maritim Francisco, 656 - CEP 01226-000 São Paulo - SP.

1 - Modalidade de Assinatura:

1.1 () ASSINATURA NOVA CR\$ 1.200,00

1.2 () ASSINATURA RENOVAÇÃO CR\$ 1.200,00

2 - Modalidade de Pagamento:

2.1 () Estou enviando à Revista Ave Maria, anexo a este cupom, o Cheque Nominal Nº

Banco..... no valor de CR\$.....

2.2 () Estou remetendo por Vale Postal Nº..... para Agência Santa Cecília - São Paulo

Código 403911 a quantia de CR\$..... em nome da Revista AVE MARIA.

Nome:

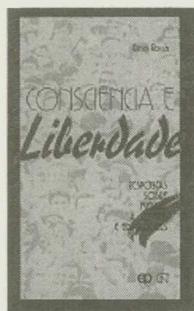
Endereço:

CEP: Cidade

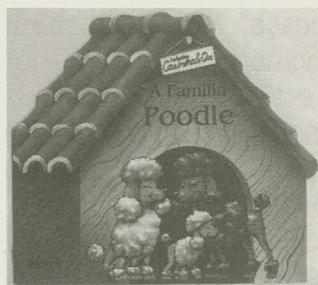
Assinatura: Est.:



BUSCAR AS COISAS DO ALTO — Chiara Lubich, Edições Cidade Nova — 192 pgs. “Somente quem assume o presente, sem com isso deixar-se ‘capturar’ por ele, mas permanecendo com o olhar do coração fixo nas ‘coisas do alto’, onde se encontra Cristo à direita de Deus, pode orientar a história para a sua completa realização.” Tais palavras parecem resumir o conteúdo do livro, expressando-lhe a intenção e o alcance. De fato, as breves mensagens de Chiara Lubich, reunidas aqui, são como faróis colocados à beira da estrada para iluminar o caminho rumo à Santa Viagem da vida, ajudando o leitor a percorrê-la — não só individualmente, mas também coletivamente — permanecendo ativo em meio às situações do mundo, porém mantendo o coração “nas coisas do alto”. A grande riqueza temática, a profundidade cristã que o estilo coloquial da Autora projeta, fazem destas páginas um livro precioso para a meditação, um substancioso alimento para o crescimento espiritual.



CONSCIÊNCIA E LIBERDADE — Gino Rocca, Edições Paulinas — 159 pgs. O presente livro reúne uma série de respostas a perguntas sobre questões morais, publicadas regularmente tanto na seção “Teologia” da revista Cidade Nova, como na seção “Um problema de moral” da revista Città Nuova, na Itália. Partindo de questões gerais e fundamentais da moral para, em seguida, se deter em um tema de caráter mais específico: a moral pré-matrimonial. Com isso não pretende afirmar que a moral se restrinja à sexualidade, mas que as questões relativas à moral conjugal, social e profissional, as questões da bioética etc. merecem ser tratadas em um volume à parte. O resultado é a apresentação de uma moral caracterizada pela grande confiança na força e na atração pelo bem, mais do que pelo medo e pelo temor do castigo. Transparece em todo o texto um genuíno amor a Cristo e um profundo sentimento de sua graça, que liberta interiormente o homem tornando a vida cristã viável e feliz.



O PIQUENIQUE DO CATAPIMBA — Ruth Rocha, Editora FTD — 20 pgs. Com a sensibilidade criadora que lhe é peculiar, Ruth Rocha fez duas agradáveis coleções de livros para a Editora FTD. Agradáveis e alegres. Numa delas, “A turma da nossa rua”, a autora soube dar mais humor à infância, conseguindo recriar a mesma gostosura das situações vividas pelas crianças de uma mesma rua, tendo como assunto um flash do cotidiano das pessoas. Com isso, a relação de empatia é total e gratificante, ficando o leitor entregue às histórias divertidas e prazerosas da narradora.

A FAMÍLIA POODLE — Editora FTD, 10 pgs. Esse livro faz parte da coleção “Casinha & Cia.”, é um projeto bonito, direto, sem complicações, feito para divertir o leitor. Com textos de Eunice Braidó e ilustrações de Edil Alcides Santos Araújo a publicação tem o mérito de valorizar em linguagem rimada e fluida, histórias do melhor amigo do homem, o cão. Este bonito trabalho se completa com os outros títulos: A Família São Bernardo, A Família



Beagle, A Família Perdigueiro, A Família Boxer e A Família Pastor Alemão.

OS INCRÍVEIS SERES FANTÁSTICOS — Samir Meserani Editora FTD — 38 pgs. Este é um livro de ficção, que inventa histórias e descrições de seres fantásticos a partir da tradição de mitos e lendas (da Antiguidade) e bestiários (livros sobre animais ou “bestas”, como diziam na Idade Média).



O AGENTE DE PASTORAL E A SAÚDE DO POVO — Christian de Paul de Barchifontaine, Edições Loyola — 94 pgs. O livro reúne desde dados concretos sobre o sistema hospitalar introduzidos por uma análise do contexto sócio-econômico e da política de saúde, com referências específicas sobre a recente legislação relativa às entidades filantrópicas —, as considerações de caráter mais geral sobre o tema cidadania e saúde, para desembocar numa reflexão específica sobre Pastoral da Saúde, vida religiosa e nova evangelização.

Assinale nos quadrinhos a quantidade de livros desejados e remeta este cupom para:

<input type="checkbox"/>	Buscar as coisas do alto	1.034,00
<input type="checkbox"/>	Consciência e Liberdade.....	1.589,00
<input type="checkbox"/>	O piquenique do catapimba.....	561,00
<input type="checkbox"/>	A família poodle.....	356,00
<input type="checkbox"/>	Os incríveis seres fantásticos.....	480,00
<input type="checkbox"/>	O agente pastoral e a saúde do povo.....	450,00

LIVRARIA AVE MARIA
Cx Postal 6226
01296 - 970 — SÃO PAULO
Tels: 66 0582 e 825 0700

Atenção:

Preços fornecidos no fechamento desta edição. Sujeitos a alterações por parte das Editoras.

Atendemos por reembolso postal.

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ N° _____

CEP: _____ Estado: _____

Assinatura _____

Provérbios

A forma e os temas do livro dos provérbios resume, em frases soltas, conhecimento popular e experiência de vida; o sentido da sabedoria humana e divina; um conceito puríssimo de Deus e uma moral superior à conhecida pelos

pagãos daquela época. Lendo os versículos onde se encontram as palavras perdidas conheceremos alguns dos temas mais importantes. Achadas as palavras podemos transportá-las ao diagrama.

Palavras:

- (13, 9) claridade; brilho
- (22, 8) oposto ao bem
- (12, 20) tranqüilidade

- (5, 15) líquido potável
- (12, 28) execração; rancor

- (23, 21) embriagado
- (3, 34) favor; dávida
- (29, 2) que não tem piedade
- (17, 5) debocha; escarnece

- (30, 33) raiva; fúria
- (18, 21) órgão da fala
- (29, 15) garoto
- (31, 10) ser humano (fem.)

- (20, 19) maldicente
- (11, 5) direito, exatidão
- (14, 1) insanidade mental
- (26, 26) intenção maldosa
- (29, 23) soberba; altivez
- (1, 3) inteireza de caráter
- (10, 1) o rei sábio
- (16, 18) orgulho excessivo
- (22, 21) realidade
- (21, 15) regozijo, júbilo
- (15, 17) afeição
- (10, 6) bênçãos
- (27, 9) brandura, doçura
- (2, 6) conhecimento, saber

- (19, 22) amor, beneficência
- (6, 19) falsidades, enganos
- (25, 27) vocábulos; termos
- (22, 1) bens; valores
- (28, 19) coisas vãs ou frívolas

- (17, 1) desentendimento
- (4, 24) mentira, engano
- (18, 12) modéstia
- (8, 10) educação
- (16, 32) suportar com paz
- (7, 1) regras; normas
- (24, 3) cautela; moderação
- (9, 1) conhecimento justo
- (21, 7) força, ímpeto

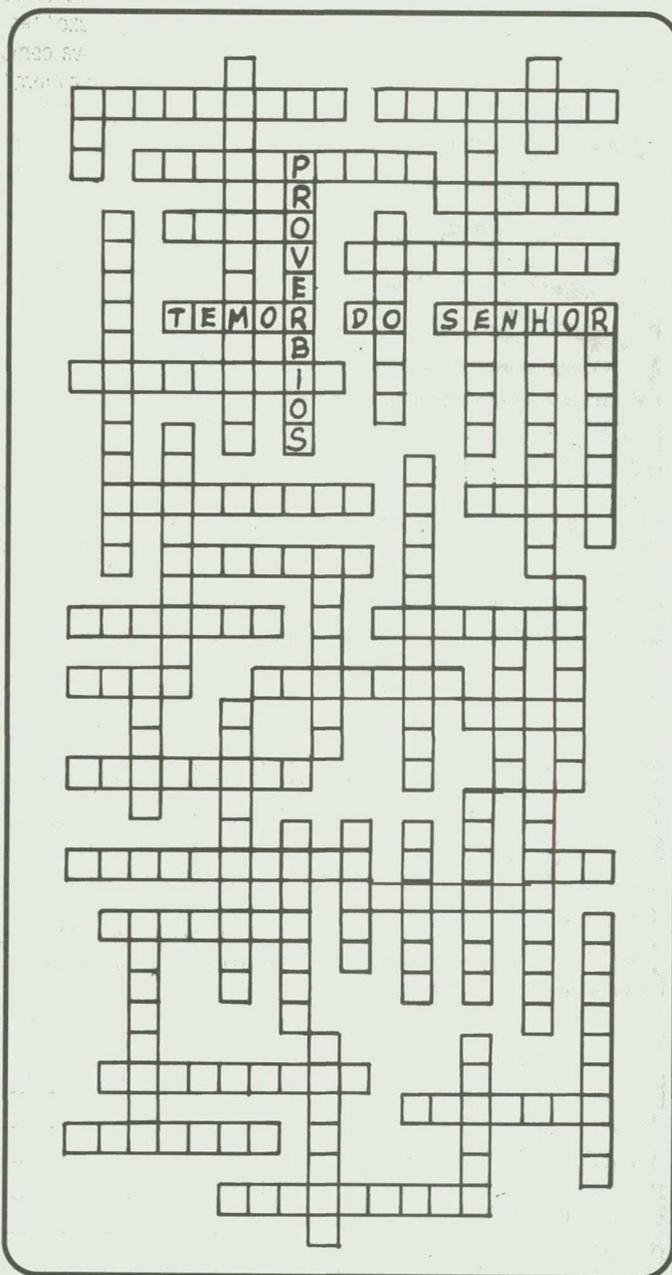
- (13, 1) obedecer normas
- (3, 3) lealdade
- (6, 6) indolente
- (1, 1) máxima popular (pl.)

- (28, 6) retidão; inteireza

- (8, 5) - intelecto; percepção
- (21, 21) compaixão

- (1, 4) critério, tino

TEMOR DO SENHOR(14, 26; 27)



Elaborado por Norma Termignoni

AMIGO DE VERDADE MERECE SER LEMBRADO CARTÕES DE NATAL É O CAMINHO



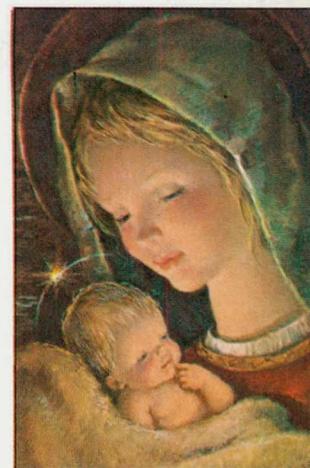
Nº 80



Nº 91



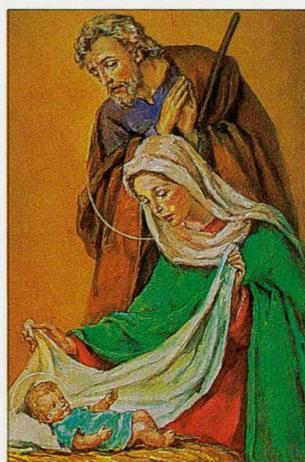
Nº 98



Nº 105



Nº 82



Nº 106



Nº 107

PREÇO DE CADA
CARTÃO,

NÃO INCLUINDO
O PORTE.

CR\$ 70,00

Ob.: Cada cartão vem
acompanhado de
envelope.



Nº 83



Nº 88

SECRETARIADO VOCACIONAL CLARETIANO

Caixa Postal 6226 — CEP 01064-970 — São Paulo, SP

Cartão de Natal	Quantidade de Cartões
Nº 80 cartões
Nº 82 cartões
Nº 83 cartões
Nº 88 cartões
Nº 91 cartões
Nº 98 cartões
Nº 105 cartões
Nº 106 cartões
Nº 107 cartões

Preencha corretamente os pontilhados.

Nome.....

Endereço.....

Cidade.....

CEP..... Estado.....

Assinatura.....

Preço válido até final de Setembro

Pagamento através de Rembolso Postal. Atendemos pelo correio pedidos de no mínimo 10 cartões.

TABELA DE DESCONTOS

Pedidos acima de 100 cartões 10% de desconto; acima de 250 cartões 15% de desconto; acima de 500 cartões 30% de desconto.

Reúna os pedidos de seus amigos para conseguir o máximo de desconto!

AGENDA LATINO - AMERICANA 94

“NO ESPÍRITO DA PÁTRIA GRANDE”

uma
agenda
especial



para um
tempo
muito
especial

A Agenda Latino-americana, 94 não é um simples papel pautado para anotações. Pretende ser na verdade uma combinação dosada de:

— **agenda**, prática, agil, bem diagramada, simples, econômica;

— **antologia**, recolhendo o melhor da mística latino-americana, na ampla pluralidade de suas dimensões;

— **vademécum**, como “livro de cabeceira” com o qual se anda, ao qual se volta para se alimentar. Não é um simples livro para se ler e guardar.

— **ferramenta pedagógica**: um arquivo de materiais úteis para educadores populares, comunicadores, professores, animadores de grupos, agentes de pastoral, intelectuais...

— **vademécum**, como “livro de cabeceira” do qual se faz acompanhar, ao qual voltar constantemente para se alimentar e não um simples livro, para ler e guardar...

Uma agenda empenhada no futuro só encontrará ânimo para a ação se descer aos subterrâneos da memória onde vive humilde e tenazmente a nossa possível identidade. Está é a razão dos calendários que, como este, nos contam o que aconte-

ceu aos nossos antepassados, mas deixam no branco da página o espaço reservados aos nossos projetos. O passado não se repete, é verdade, mas ensina a reistir e dá direito à imaginação.

Uma agenda verdadeiramente internacional, produzida em vinte países da América Latina, em três Continentes e em quatro idiomas (espanhol, português, italiano e japonês). Um veículo de comunhão — no espírito e na esperança — entre todos os que vibram “no Espírito da Pátria Grande”, que definem nosso ser, nossa utopia, nossa solidariedade latino-americana.

Preço: Cr\$ 1.800,00

Obs.: Preço de capa na data do fechamento desta edição. Sujeito a alteração por parte da Editora.

**PEDIDOS AO
SECRETARIADO VOCACIONAL
CLARETIANO**

Tel.: (011) 66-2128 Caixa Postal 6226
CEP 01064-970 São Paulo, SP.

AMI

REVISTA MENSAL — FUNDADA EM 28.05.1898
RUA MARTIM FRANCISCO, 656 — TELS.: 66-2128 E 66-2129
CX. POSTAL 6226 - CEP 01064-970 — SÃO PAULO - SP

PORTE PAGO
ECT - DR/SP
ISR-40 - 2837/ 81

IMPRESSO